



O ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS NAS ATIVIDADES DE SALA DE AULA DE 1.º CICLO

Ana Rita de Oliveira Monteiro

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2014



O ENVOLVIMENTO DAS FAMÍLIAS NAS ATIVIDADES DE SALA DE AULA DE 1.º CICLO

Ana Rita de Oliveira Monteiro

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção de grau de mestre em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Prof. Doutor Carlos Pires

2014

RESUMO

Quando entra na escola, a criança fica sujeita à interação que se estabelece entre os dois agentes socializadores que a vão acompanhar ao longo do seu desenvolvimento: a escola e a família. É por isso crucial que esta relação seja harmoniosa de forma a ser benéfica para cada um dos alunos.

Devido à pluralidade de situações que podem ocorrer no estabelecimento de relações sociais, torna-se importante perceber as concepções que vigoram na sociedade e o que é mais valorizado pelos intervenientes nesta relação.

Com base neste pressuposto foi desenvolvido um pequeno estudo sobre as concepções de uma docente e de uma pequena amostra de pais de alunos de uma Escola Básica na cidade de Lisboa.

Este estudo foi realizado junto de uma turma do 1.º ano de escolaridade no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática e Ensino Supervisionada II (PES II) e cujo resultado é apresentado no presente relatório.

Nele dá-se conta de todo o processo de caracterização do contexto socioeducativo e da consequente definição de objetivos de intervenção, problemática, princípios orientadores e estratégias de intervenção.

A par de todo um percurso que envolveu a intervenção junto deste grupo de alunos no âmbito de todas as disciplinas, foi sempre tido em conta o envolvimento das famílias ao longo do processo, por se considerar esta parceria fundamental no processo ensino-aprendizagem.

O presente relatório é o culminar de toda uma intervenção e da subjacente reflexão.

Na tentativa de fazer sempre mais e melhor, este é o início de uma profissão que envolverá sempre a adaptação das intervenções, tendo em conta o contexto e as análises reflexivas do trabalho desenvolvido, a fim de este ser cada vez mais situado e significativo para a população que serve.

Palavras-chave: Relação Escola-Família; Participação; Envolvimento.

ABSTRACT

When enter the school, the child is subject to the interaction established between the two socializing agents that will follow throughout its development: the school and the family. It is therefore crucial that this relationship is harmonious in order to be beneficial to each student.

Due to the plurality of situations that may arise in establishing social relationships, it becomes important to understand the conceptions that prevail in society and what is most valued by stakeholders in this relationship.

Based on this assumption a small study on the conceptions of a teacher and a small sample of parents of students in a Primary School in the city of Lisbon was developed.

This study was conducted among a group of the 1st year of schooling as part of the Course Unity (UC) of Supervised Practice and Teaching II (PES II) the result of which is presented in this report.

In the report we realize the whole process of characterizing the socio-educational context and the consequent definition of intervention goals, problematic, guiding principles and intervention strategies.

Along the route that involved the intervention with this group of students within all disciplines, was always taken into account the involvement of families throughout the process, by considering this partnership crucial in the teaching-learning process.

This report is the culmination of an entire intervention and the underlying reflection.

In trying to do more and better, this is the beginning of a profession that will always involve the adaptation of interventions, taking into account the context and reflective analysis of the developed work, with the objective of being increasingly located and meaningful for the population it serves.

Keywords: School-Family Relations; Participation; Involvement.

ÍNDICE GERAL

1. Introdução	1
2. Caracterização do Contexto Socioeducativo	3
2.1. O Contexto de Estágio	3
2.2. A turma - caracterização e lógicas de funcionamento	5
2.3. Avaliação diagnóstica dos alunos	7
2.3.1. Competências sociais	7
2.3.2. Português	8
2.3.3. Matemática	9
2.3.4. Estudo do Meio	9
2.3.5. Expressões Artísticas e Expressão e Educação Físico-Motora	10
3. Problemática e objetivos de intervenção	11
3.1. Problematização e justificação dos objetivos	13
3.2. Problematização do envolvimento dos pais	17
3.2.1. A importância da relação escola-família	17
3.2.2. Obstáculos à participação	20
4. Metodologia de recolha e tratamento de dados	24
5. Apresentação fundamentada do processo de Intervenção educativa	29
5.1. Princípios Pedagógicos	29
5.2. Estratégias de intervenção e contributo de cada disciplina para a sua consecução	30
5.3. Contributo das conceções sobre o envolvimento dos pais no processo de intervenção educativa	38
5.4. Avaliação do Plano de Intervenção	42
6. Avaliação das Aprendizagens dos alunos	45
6.1. Português	46
6.2. Matemática	47
6.3. Estudo do Meio	48
6.4. Expressões Artísticas	48
6.5. Expressão e Educação Físico-Motora	49

6.6. Competências Sociais	49
7. Considerações Finais	50
Referências bibliográficas	53
ANEXOS	56
Anexo A. Horário da turma	57
Anexo B. Diagnósticos da turma a partir da observação	59
Anexo C. Resultados das fichas de avaliação sumativa	67
Anexo D. Guião da entrevista à docente	72
Anexo E. Respostas à entrevista	75
Anexo F. Questionário aos pais	79
Anexo G. Respostas ao questionário	87
Anexo H. Unidade Didática de Expressão e Educação Físico-Motora	95
Anexo I. Ficheiro de Atividades	98
Anexo J. Materiais Construídos	101
Anexo K. Grau de importância que os pais atribuem a determinados aspetos da participação	104
Anexo L. Avaliação do Plano de Intervenção	106
Anexo M. Avaliação da Sequência Didática	110
Anexo N. Avaliação de Português	113
Anexo O. Avaliação de Matemática	116
Anexo P. Avaliação de Estudo do Meio	119
Anexo Q. Avaliação de Expressão e Educação Plástica	121
Anexo R. Avaliação de Expressão e Educação Musical	123
Anexo S. Avaliação de Expressão e Educação Dramática	126
Anexo T. Avaliação de Expressão e Educação Físico-Motora	129
Anexo U. Avaliação das Competências Sociais	132

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Habilitações Académicas dos pais dos alunos _____ 28

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Potencialidades e Fragilidades da turma _____ 11

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
AP	Associação de Pais
CAF	Componente de Apoio à Família
CG	Conselho Geral
INE	Instituto Nacional de Estatística
PC	Professora Cooperante
PEA	Projeto Educativo do Agrupamento
PES II	Prática de Ensino Supervisionada II
PI	Plano de Intervenção
RI	Regulamento Interno
UC	Unidade Curricular

1. INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio foi realizado no âmbito da UC de PES II. Pretende-se dar aqui a conhecer o trabalho desenvolvido junto a uma turma de alunos de 1.º ano de escolaridade, durante as seis semanas em que decorreu a intervenção.

Este trabalho é o culminar de um longo processo que envolveu a observação, o planeamento, a execução e a conseqüente avaliação. Pretendeu-se aprofundar o conhecimento adquirido nas diferentes UC do mestrado, através da aplicação dos conteúdos trabalhados academicamente, num contexto real.

Em simultâneo com a intervenção, procedeu-se a um estudo que tem como tema “O envolvimento das famílias nas atividades de sala de aula de 1.º ciclo” e que surgiu no contexto pela observação de práticas de envolvimento das famílias na sala de aula. Visto ser um tema do meu interesse pessoal e ser pertinente tanto na conjuntura atual como no contexto, decidi então fazer um levantamento das concepções que tanto pais e encarregados de educação como a própria docente tinham acerca do tema. O envolvimento das famílias na vida escolar dos seus educandos é um assunto atual que comporta muitas variáveis e que conduz a uma vasta diversidade de opiniões, divergências e convergências, que promove alguns consensos mas também alguns antagonismos. Procedeu-se assim à construção e aplicação de um questionário aos pais dos alunos e de uma entrevista à docente a fim de, posteriormente, analisar as respostas obtidas.

O presente relatório divide-se em cinco capítulos principais.

O primeiro capítulo apresenta a caracterização do contexto socioeducativo como forma de contextualizar o leitor sobre o local da prática, sendo referido o meio, o agrupamento, a escola e a turma.

No segundo capítulo são referidas as potencialidades e fragilidades da turma, que foram selecionadas para estabelecer os objetivos desta intervenção. Ainda neste capítulo será apresentada a problemática e a literatura que apoia o estudo do envolvimento das famílias na escola.

O terceiro capítulo ilustra os princípios pedagógicos e as estratégias de intervenção que estiveram subjacentes ao longo de todo o estágio, bem como os contributos de cada disciplina para os alcançar. Como tal, serão apresentadas algumas das atividades que foram desenvolvidas com estes propósitos. É ainda neste

capítulo que se dará conta dos resultados obtidos, tanto na entrevista, como no questionário. Serão então relacionados os dados recolhidos, por forma a caracterizar as conceções da docente e dos pais no que ao envolvimento diz respeito.

A avaliação das aprendizagens dos alunos será apresentada no quarto capítulo, em que serão comparados os resultados do início com os do fim da intervenção.

Para terminar este trabalho, serão apresentadas as considerações finais que contemplam uma reflexão pessoal sobre o percurso desenvolvido.

2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

A caracterização do contexto socioeducativo considera-se fundamental numa fase inicial do estágio, uma vez que este deverá ter em conta as suas características. Além disso, é fundamental não esquecer que o meio influencia a prática e que tanto os alunos como a Professora Cooperante (PC) já iniciaram um trabalho que não deve ser descontinuado.

O espaço que a criança conhece e com o qual interage diariamente deve ser o ponto de partida da aprendizagem. O que está próximo do aluno é por ele compreendido mais facilmente. Como tal, uma aprendizagem que comece no meio local em que o aluno está inserido é potencializadora de aprendizagens mais contextualizadas. Dar exemplos aos alunos que façam parte do seu quotidiano é fundamental para que os conceitos e conteúdos sejam aprendidos. Este é um dos princípios orientadores do programa do 1.º CEB que refere que “todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contato com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes” (p.101).

Esta caracterização baseia-se na análise de alguns documentos consultados, nomeadamente do Regulamento Interno (RI) do agrupamento e os documentos construídos pela docente, bem como nas observações realizadas.

Ao longo deste capítulo será caracterizado o meio, o agrupamento de escolas, o estabelecimento de ensino e, por fim, a turma de alunos.

De forma a cumprir os princípios éticos e deontológicos subjacentes a um trabalho desta natureza, ao longo todo o processo, em nenhum momento será identificada a escola, a docente, os alunos ou os pais dos mesmos, tendo sido garantido a todos os intervenientes o seu anonimato.

2.1. O Contexto de Estágio

O agrupamento de escolas¹ onde foi desenvolvida a prática pedagógica situa-se na cidade de Lisboa e é composto por uma Escola Secundária (sede de Agrupamento), uma EB 2/3 e três EB1/JI.

¹ Neste trabalho irá designar-se por Agrupamento de Escolas da Cidade a fim de manter o anonimato.

O agrupamento serve uma freguesia que, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística INE (2011), tem 33745 habitantes, sendo que 1385 habitantes não atingiram qualquer nível de escolaridade e 15533 habitantes atingiram o ensino superior. A taxa de analfabetismo é de 1,37%.

Uma vez que o Conselho Geral (CG) iniciou funções no ano letivo em que decorreu o estágio, o Projeto Educativo do Agrupamento (PEA) estava em fase de elaboração na altura da intervenção, pelo que não foi possível consultá-lo. Como tal, os únicos documentos a que se teve acesso foi o RI do agrupamento e os referentes à turma, da autoria da PC.

O CG é o “órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola assegurando a participação e representação da comunidade educativa” (n.º 1 do artigo 11.º do Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de junho). É o único órgão do agrupamento em que os pais e encarregados de educação têm assento. A sua composição é ditada pelo RI. De acordo com este documento, o CG é constituído por 21 representantes distribuídos da seguinte forma: 8 Docentes (com vínculo contratual ao Ministério da Educação e Ciência), 2 Não Docentes, 4 Pais e Encarregados de Educação, 2 Alunos (mais de 16 anos de idade), 3 do Município e 2 da Comunidade local (instituições, organizações e atividades de diferentes domínios).

A abertura da escola à comunidade é, de acordo com o mesmo documento, a oportunidade do agrupamento estabelecer a “transição entre o pedagógico escolar e o pedagógico social, conferindo a toda a vida comunitária uma profunda e efetiva intencionalidade educativa e cívica” (Agrupamento de Escolas da Cidade, 2014, p. 20).

Os pais, de acordo com o RI, constituem os principais responsáveis pela educação dos filhos sendo que, por isso, devem participar ativamente no desenvolvimento físico, intelectual e moral dos seus educandos.

O RI apresenta como direitos dos pais, serem informados sobre: o conceito de avaliação formativa e contínua, bem como dos critérios de avaliação; conteúdos não lecionados; diagnósticos das aprendizagens dos alunos; resultados das avaliações; e medidas estabelecidas para colmatar as dificuldades de cada aluno. No mesmo documento, são referidos os deveres dos pais, sendo eles: verificar os cadernos diários e cadernetas a fim de cumprir as tarefas propostas nos prazos estabelecidos; controlar a assiduidade e justificar faltas no prazo legal; participar nas reuniões com o professor e contactar com o mesmo sempre que necessário, a fim de conhecer os

resultados das avaliações e as medidas estabelecidas para colmatar as dificuldades dos seus educandos.

O estabelecimento de ensino em que decorreu o estágio tem 4 salas de jardim de infância, com um total de 92 alunos e 14 salas de aula de 1.º Ciclo, para um total de 322 alunos. A Componente de Apoio à Família (CAF), gerida pela Associação de Pais (AP), dispõe de um total de 4 salas exclusivamente utilizadas para o acolhimento e prolongamento realizado por esta entidade. Além do refeitório, sala de professores, de funcionários e da coordenação, a escola conta ainda com uma biblioteca e com um ginásio.

As atividades curriculares estão organizadas em “regime normal”, funcionando entre as 9h00 e as 16h00 com um intervalo de 30 minutos na parte da manhã e outro de 1h30 à hora de almoço. As Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) são realizadas após as 16h30 dentro da própria sala, no ginásio ou no exterior. Estas atividades são da responsabilidade da AP.

2.2 A turma - caracterização e lógicas de funcionamento

A sala de aula é o principal espaço onde decorre a ação educativa, apresentando as dimensões adequadas para desenvolver esta atividade, bem como boas condições de luminosidade (luz natural). Onze mesas estão dispostas em formato de “U” e as outras duas estão no centro. A organização das mesas é sempre a mesma durante as atividades letivas. Os alunos estão virados de frente para o pequeno quadro de ardósia e de costas para um placard de cortiça onde se encontram afixados alguns trabalhos realizados pelos alunos e alguns materiais com conteúdos que estavam a ser trabalhados. No fundo da sala encontra-se ainda uma estante que é utilizada pelos alunos para guardar os seus manuais e dossiês. A professora dispõe de um armário para guardar os seus materiais. Nas paredes é possível identificar alguns materiais de apoio às aprendizagens dos alunos, tais como uma reta numérica, um cartaz com os ditongos, letras do alfabeto, entre outros.

A turma era constituída por 25 alunos sendo que 15 eram rapazes e 10 eram raparigas e tinham idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos. Durante o estágio, um aluno foi transferido de escola, passando a turma a contar com apenas 14 rapazes. Nenhum aluno estava diagnosticado como tendo Necessidades Educativas Especiais. Contudo, três alunos frequentam terapia da fala, um tem consultas de

psicologia e um outro consultas de neurodesenvolvimento e psicologia. Todos estes acompanhamentos se desenvolvem fora da escola.

Para o desenvolvimento da área disciplinar de Expressão Físico-Motora o espaço utilizado é o ginásio da escola, espaço reservado para a turma nas tardes de segunda-feira. É um espaço amplo, de forma retangular e com acesso à sala de material.

O horário da turma contemplava uma carga horária semanal para todas as áreas disciplinares (Tabela A1), sendo que podiam sofrer alterações sempre que necessário, tal como consignado no Decreto-Lei nº 91/2013 de 10 de julho.

A PC iniciava cada tempo letivo com uma exposição oral em grande grupo sobre os conteúdos a trabalhar. Posteriormente, com recurso ao manual do aluno ou a fichas elaboradas pela docente, os alunos resolviam os exercícios a fim de se avaliar as competências adquiridas. A PC avaliava, através de observação direta, todos os trabalhos realizados pelos alunos, corrigindo-os, quase todos, individualmente e na presença dos mesmos. Desta forma era possível intervir junto de cada aluno de acordo com a especificidade de cada um.

No final de cada período, realizava uma ficha de avaliação sumativa em cada uma das disciplinas de Português, de Matemática e de Estudo do Meio. Esta avaliação não era manifesta em resultados quantitativos por decisão do agrupamento. A PC apenas referia os pontos fortes e os pontos fracos identificados em cada aluno.

Os alunos iniciaram a leitura e a escrita formal com o método analítico-sintético, seguindo a ordem das letras do manual escolar adquirido para o efeito.

No que respeita à Matemática esta área era trabalhada com recurso ao manual sempre que este ia ao encontro dos objetivos da PC e das necessidades do grupo de alunos. Além disso, a docente recorria ainda às Metas Curriculares para verificar os conteúdos que deveriam ser trabalhados com os alunos.

Estas eram as duas áreas mais trabalhadas na sala de aula uma vez que a PC considerava fundamental consolidar bastante os conteúdos trabalhados com os alunos. A fim de cumprir este objetivo, os alunos tinham trabalhos de casa todos os dias.

Neste contexto, a participação dos pais tinha um grande relevo. A docente considerava esta participação como fundamental e como uma mais-valia para o todo o processo ensino-aprendizagem convidando, por isso, os pais a participar em diferentes atividades. De acordo com a PC, a maioria dos pais estava sempre

presente em todas as reuniões de pais e mostravam empenho noutras tarefas solicitadas pelas docente, tanto no que diz respeito aos trabalhos de casa, como outras atividades. A título de exemplo, apenas uma criança não tinha a sua árvore genealógica representada na sala de aula, todos os alunos tinham o seu colar de contas construído com os pais, e apenas uma criança não teve familiares no dia da apresentação de uma peça de teatro aos pais.

No dia da apresentação da peça de teatro foi interessante observar as interações entre os familiares dos alunos com a professora, com os alunos, e com os restantes familiares. Após a apresentação dos alunos, houve um momento de convivência no qual todos interagiram verificando-se em alguns casos que, apesar de não se conhecerem, aproveitaram este momento para o fazer.

A reunião de pais de final de 2.º período também foi potenciadora de um momento interessante. Após o levantamento de uma questão por parte de uma mãe gerou-se uma discussão em que foi possível determinar que as conceções sobre o envolvimento de cada família apresentam aspetos distintos.

2.3. Avaliação diagnóstica dos alunos

A partir dos testes de final do 1.º período realizados pela PC, das nossas observações (Anexo B) e das conversas que estabelecemos com a docente, procedeu-se à caracterização da turma, tendo em conta os conhecimentos que os alunos já haviam adquirido. Uma vez que no fim do período de observação foram realizadas fichas de avaliação sumativas, analisou-se igualmente esses dados (Anexo C).

2.3.1. Competências sociais

Esta turma revela comportamentos sociais adequados à faixa etária em que se encontra, não tendo sido observado casos de indisciplina graves (Tabela B1).

As aquisições realizadas pelos alunos, no estágio das operações concretas são, para Piaget (1930), o resultado de uma transformação estrutural que ocorre neste estágio, a descentração. É nesta altura que a criança deixa de se centrar em si e em possibilidades únicas, passando a admitir a existência de outros pontos de vista. É assim manifestada uma “Moral Autónoma”, uma vez que a criança já não sendo tão

egocêntrica, aceita outros pontos de vista. Esta moral é marcada pela flexibilidade e cooperação, em que a criança começa a formular o seu código moral e a questionar as regras dos adultos (Sprinthall & Sprinthall, 2001).

Com o trabalho cooperativo, os alunos assumem a responsabilidade de alcançar os seus objetivos, e, cada um dos elementos, será responsável por cumprir a parte que lhe compete para o trabalho comum. Reconhecemos que a reciprocidade é então inerente aos alunos, e como defende Bruner, esta “envolve uma necessidade de trabalhar cooperativamente com os outros” (Sprinthall e Sprinthall, 1993, p. 239).

Verifica-se na turma que, tal como previsto, os alunos compreendem o ponto de vista dos colegas, chegando, em determinadas situações, a referir os sentimentos e emoções dos outros. A cooperação entre colegas era visível nas tentativas de ajudar em determinadas tarefas. No entanto, o código moral, que está em fase de desenvolvimento nestas idades, conduz à denúncia de comportamentos desadequados dos colegas.

Os alunos da turma mostravam-se interessados e a grande maioria revelava vontade em participar nas atividades propostas. Contudo, ainda apresentavam algumas dificuldades no que diz respeito às regras de interação, nomeadamente no esperar pela sua vez para comunicar.

2.3.2. Português

No âmbito do Português, os alunos já conheciam todas as letras do alfabeto e já conseguiam ler uma grande panóplia de palavras. Verificava-se uma grande facilidade por parte dos alunos em identificar palavras com determinados sons. No entanto, e tal como é esperado nesta fase do desenvolvimento, apresentavam dificuldades em identificar as letras corretas para escrever algumas palavras. Por exemplo, os alunos identificavam facilmente palavras com um determinado som mas revelavam algumas dificuldades em identificar o grafismo correto na escrita da palavra (Tabela B2).

Relativamente à escrita, a maioria dos alunos revelava destreza na motricidade fina, pelo que conseguia realizar as tarefas de escrita, apesar de alguns apresentarem dificuldades a este nível.

No que se refere à oralidade, notava-se uma grande discrepância entre os alunos. Alguns revelavam facilidade em expressar as suas ideias de forma correta e audível, contudo, outros mostravam algumas dificuldades neste âmbito.

Esta foi a disciplina em que se revelaram as maiores dificuldades dos alunos na ficha de avaliação sumativa do 2.º período (Tabela C1). É na grelha de avaliação, correspondente a esta área disciplinar, que surgem mais células preenchidas a amarelo e vermelho, o que significa que as crianças tiveram mais dificuldades em concretizar as tarefas com sucesso.

A partir da observação da grelha é evidente a dispersão dos resultados, o que dificulta tirar conclusões gerais da turma sendo assim mais pertinente avaliar aluno a aluno, pergunta a pergunta, no sentido de colmatar as dificuldades sentidas. Uma vez que esta foi a disciplina em que se verificaram piores resultados a nível geral, esta foi a mais trabalhada com os alunos. Sendo este um ano de iniciação ao ensino formal da leitura e da escrita, caberá então ao professor desenvolver as capacidades dos alunos nesse sentido de modo a formar bons leitores que tenham gosto nesta tarefa.

2.3.3. Matemática

Nesta disciplina, também era notória a dispersão dos resultados dos alunos. Tanto no que diz respeito às tarefas de números e operações como à análise de dados, alguns alunos desenvolviam as tarefas com facilidade, enquanto outros apresentavam mais dificuldades no raciocínio matemático (Tabela B3).

A ficha de avaliação sumativa do 2.º período comprovou esta observação mostrando as dificuldades que dois alunos têm neste âmbito (Tabela C2). Apesar de haver alguma dispersão global de resultados, verifica-se que a maioria dos resultados negativos provinham destes alunos. Foi então necessário trabalhar mais com estes alunos os conteúdos já lecionados de forma a colmatar as suas dificuldades.

2.3.4. Estudo do Meio

Durante o período de observação pudemos constatar que os alunos reconheciam com facilidade: as estações do ano, bem como as suas características; comportamentos sociais corretos e incorretos; e identificavam o ciclo de vida de alguns animais (Tabela B4).

Ao contrário do Português, esta foi a disciplina que menos dificuldades apresentou aos alunos na ficha de avaliação sumativa do 2.º período, verificando-se uma grande representatividade de exercícios realizados com sucesso (Tabela C3).

2.3.5. Expressões Artísticas e Expressão e Educação Físico-Motora

Nas disciplinas de Expressões Artísticas, sentiram-se algumas fragilidades por parte de alguns alunos, bem como algumas potencialidades. No entanto, e uma vez que elas não foram muito trabalhadas ao longo das semanas de observação, não foi possível realizar uma análise muito completa.

Na área de Expressão e Educação Plástica, os alunos desenvolveram a prenda do dia do pai, revelando dificuldades na motricidade fina, pois a maioria sentiu dificuldades no manuseamento de tesoura e de pincéis (Tabela B5).

Na área de Expressão e Educação Musical, assistimos à reprodução de algumas canções e verificámos que existem mais dificuldades a nível da intensidade e na reprodução de pequenas melodias (Tabela B6).

Na área de Expressão e Educação Dramática, não foi possível observar todos os alunos, mas os que observámos revelavam apenas dificuldades na exploração da voz (Tabela B7).

Na área de Expressão e Educação Físico-Motora os alunos mostram falta de espírito de equipa e desrespeito pelas regras, mas mostram facilidade na perícia e manipulação de bolas (Tabela B8).

Em forma de síntese, este é um contexto que serve a comunidade local e que prevê a integração da escola na mesma. Os pais são vistos como agentes ativos na educação dos filhos e por isso são valorizados e solicitados com bastante frequência para participar nas mais diversas atividades.

A docente orienta a sua intervenção pelos conteúdos previstos no manual do aluno e pelas metas curriculares, gerindo sempre de acordo com as aprendizagens dos alunos e com as suas maiores dificuldades.

A turma era aplicada e interessada estando na sua generalidade a alcançar os objetivos definidos pela docente. Não se verificavam casos de indisciplina graves, tendo sido apenas observados casos de não cumprimento de algumas regras de convivência.

3. PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS DE INTERVENÇÃO

A caracterização do contexto socioeducativo permitiu que fossem identificadas as potencialidades e fragilidades. Foi com base nestes dados que foi definida a problemática bem como os objetivos de intervenção.

As fragilidades e potencialidades que priorizamos estão enunciadas na Tabela 1, tendo emergido das observações e diagnósticos realizados durante a observação. Estas estão relacionadas com as competências sociais, as disciplinas e o contexto.

Tabela 1

Potencialidades e fragilidades da turma

	Potencialidades	Fragilidades
Competências sociais	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação para a realização das tarefas e motivação para a aprendizagem; - Responsabilidade na realização das tarefas de sala de aula; - Gosto por ajudar os colegas com dificuldades; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade na realização de tarefas nos tempos previstos; - Problemas de concentração; - Não cumprimento das regras de sala de aula; - Dificuldades de relacionamento;
Português	<ul style="list-style-type: none"> - Gosto pela leitura; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldade em seguir instruções escritas; - Dificuldades na expressão oral;
Matemática		<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades na comunicação matemática;
Expressões Artísticas		<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades no manuseamento de materiais.
Decorrente do contexto	<ul style="list-style-type: none"> - Participação ativa dos pais: na ajuda aos trabalhos de casa; na presença em atividades quando previamente solicitada; na realização de atividades e tarefas em casa; e nas reuniões de pais. 	

Nota. Autoria própria.

Estas potencialidades e fragilidades foram as selecionadas por nos colocarem interrogações e as que influenciaram todo o processo desenvolvido ao longo da intervenção. Além do que foi selecionado e que está relacionado com as competências académicas, o envolvimento das famílias foi selecionado pela sua relevância tanto neste contexto em concreto como na panorâmica geral nacional.

A escola, enquanto “extensão da família, tendo como uma das suas funções, alargar e complementar o papel educativo” (Lima, 1992, citado por Homem, 2002, p.35), deverá ter em conta as famílias e promover o seu envolvimento na sala de aula de forma a ser estabelecida uma parceria entre os dois agentes socializadores.

Neste contexto, surgiram-nos algumas questões que nos conduziram à problemática e à definição dos objetivos gerais do plano de intervenção (PI):

- Que atividades realizar para desenvolver a expressão escrita?
- Que estratégias utilizar para manter e desenvolver o gosto pela leitura?
- Que estratégias utilizar para desenvolver a compreensão da leitura?
- Que atividades desenvolver para implementar o trabalho cooperativo e fomentar as boas relações entre os alunos?
- Como promover a comunicação matemática?
- Quais serão as concepções sobre o envolvimento das famílias presentes neste contexto que permite a participação ativa observada?

Com base nestas questões, definimos alguns objetivos que nos pareceram adequados à turma com que trabalhamos na perspetiva de colmatar as fragilidades do grupo:

- Desenvolver competências de trabalho em cooperação e de respeito pelo outro;
- Desenvolver competências de escrita;
- Desenvolver competências de leitura;
- Desenvolver competências de comunicação matemática.

Acreditamos que estes objetivos vão ao encontro da problemática da turma e que o desenvolvimento de estratégias para os concretizar permitir-nos-á desenvolver sentimentos mais positivos entre os elementos da turma, tornando-a mais unida, empenhada e plena das suas capacidades. Na persecução destes objetivos, os pais serão convidados a participar por forma a que também eles se sintam envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Tal será ainda relevante uma vez que Davies *et al.* (1989), encaram “o envolvimento dos pais como uma forma de trazer benefícios para os professores e para as escolas” (p.39) e que “o trabalho do professor pode ser mais fácil e satisfatório se receber ajuda e cooperação das famílias e os pais assumirão atitudes mais favoráveis face aos professores se cooperarem com eles de uma forma mais positiva” (p.39).

3.1. Problematização e justificação dos objetivos

Com base em toda a caracterização do contexto socioeducativo foram selecionadas as potencialidades e fragilidades que nos suscitaram questões e pareceram pertinentes de explorar. Foi com base nisso que estabelecemos os objetivos já enunciados.

Tendo em conta a forte participação dos pais neste contexto e sua relevância na relação escola-família, decidimos chamar os pais a participar em algumas atividades para que também eles contribuíssem para alcançar os objetivos definidos. A família tal como é enunciada por Caeiro (2005) é um lugar onde “aprendemos a praticar a igualdade e a tolerância (...) os modelos de responsabilidade, participação, cooperação e solidariedade, tão importantes para o nosso desenvolvimento e formação” (p. 21). É tendo isto em vista que pretendemos alcançar o primeiro objetivo.

Apesar de as características identificadas na turma serem coerentes com a faixa etária dos alunos, são capacidades que deverão ser trabalhadas ao longo do 1.º CEB, tal como vem previsto na Lei de Bases do Sistema Educativo (1986), quando enuncia como objetivo do ensino básico:

proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante (alínea h) do artigo 7º).

A família, enquanto primeiro agente socializador, tem aqui um papel fundamental uma vez que é no seu seio que a criança se desenvolve enquanto agente social ao longo de toda a vida (Costa, 2003). Como tal, será imprescindível convidar os pais a participar na consecução deste objetivo, até porque, a forma como os alunos interagem entre si, deverá ter algumas raízes nas situações de convivência familiar.

Os objetivos relacionados com a língua são fundamentais nesta fase do desenvolvimento uma vez que este é o ano de escolaridade em que os alunos iniciam o seu percurso escolar e, como tal, o ensino da leitura e da escrita apresentam-se como essenciais. A entrada no 1.º ano de escolaridade constitui um momento crucial no desenvolvimento linguístico das crianças. As competências da comunicação oral, iniciadas e desenvolvidas pelas famílias até agora, serão relacionadas com um código

escrito. Estas duas competências estão interligadas e, tal como afirma Sim-Sim (2009), “ler é compreender o que está escrito” (p. 9) podendo assim dizer-se que a leitura tem por base o registo gráfico de uma mensagem verbal. É importante que os alunos compreendam esta relação e que os pais ajudem nesta importante fase do desenvolvimento incentivando os seus filhos para a leitura e para estas aprendizagens.

No âmbito da Matemática pretende-se desenvolver a comunicação matemática uma vez que é através dela que os alunos serão capazes de explicitar oralmente os seus raciocínios e estratégias de resolução, organizando assim o seu pensamento. As partilhas em grande grupo na sala de aula permitirá que os alunos se apropriem de outros modos de resolução. Boavida, Paiva, Cebola, Vale e Pimentel (2008) apoiam esta ideia ao afirmar que

uma comunicação na sala de aula baseada na partilha de ideias matemáticas permite a interação de cada aluno com as ideias expostas para se poder apropriar delas e aprofundar as suas. Nesta perspectiva, a comunicação permite aprender, mas também contribui para uma melhor compreensão do próprio pensamento (p.61).

Com base nesta ideia, os trabalhos desta disciplina realizados em casa com o apoio dos pais permitirá que, numa relação mais íntima, os alunos possam partilhar as suas ideias e explorar as suas formas de resolução com a ajuda dos pais.

Todas as chamadas aos pais com vista à sua participação nas atividades e acompanhamento dos alunos permitirá o seu envolvimento efetivo na vida escolar dos seus educandos.

A ideia de que a participação e o envolvimento das famílias no percurso escolar dos alunos é benéfica para o sucesso escolar é consensual para a vasta comunidade que se dedica ao estudo desta correlação. Costa (2003) refere esta ideia ao enunciar que “esta relação escola/família torna-se socialmente mais relevante pelo facto de as investigações apontarem, de forma consistente, para a existência de uma correlação positiva entre o envolvimento parental na escola e o sucesso educativo, em termos de resultados escolares dos filhos (Corner, 1988; Hendersen, A., 1987; Davies, Marques & Silva, 1993)” (p. 112).

Apesar da promulgação de várias leis e da reunião de esforços para que a participação dos pais nas escolas fosse garantida, muitas escolas portuguesas continuam a ser dirigidas e administradas pelos professores e com muito pouca participação dos pais. Tal como refere Lima (2001) “conquistada como princípio e consagrada enquanto direito, a participação *deve* constituir uma prática *normal, esperada* e institucionalmente *justificada*” (p. 71)

Importa então conhecer melhor a dilemática relação escola-família e quais os obstáculos que impedem que esta relação se efetive. Surgiu então o interesse no estudo das concepções que tanto os pais como a própria docente têm sobre este envolvimento e quais as suas práticas.

Este é um tema de interesse pessoal que viu neste contexto uma oportunidade de levar a cabo um estudo mais aprofundado do tema.

Verificado em outros estágios de intervenção ou em situações profissionais, tem sido pouco evidente que exista cooperação entre os professores e os familiares dos alunos. Esta falta de cooperação evidencia-se logo à partida pelas falhas de comunicação existentes para a transmissão de recados e informações. Nas salas de professores é comum ouvir-se a desvalorização da importância da colaboração com os pais e a concepção de que as reuniões servem apenas para fornecer as avaliações dos alunos.

Ao observar a relação que a PC estabeleceu com os familiares dos alunos, surgiu o interesse em investigar as estratégias que foram aplicadas e quais eram as concepções que, tanto os pais como a professora tinham sobre este envolvimento e esta interação.

É na relação entre estes dois agentes que surgem os conceitos de participação e envolvimento que, apesar de relacionados, são distintos.

A participação surge como a possibilidade de um indivíduo intervir numa decisão ou num processo de troca, legal, espontânea, clara ou dissimuladamente, de forma a fazê-lo redireccionar-se a favor dos seus interesses. Afectando, por isso, as estruturas de poder, “a participação é construída e negociada socialmente, diariamente, no contexto da escola, através de interacções quer formais, quer formalizadas, quer informais, mas sempre desejadamente informadas” (Homem, 2002, p. 44). De acordo com a mesma autora, este conceito pode inserir-se na problemática geral da relação Escola-Família, podendo considerar-se que pode ter origem ou

resultar em práticas mais específicas, tais como: relação, interação, envolvimento, cooperação, colaboração, parceria e parceria.

Esta interpretação vê o indivíduo ou grupo como capaz de se integrar nos processos de decisão através de comportamentos e de possibilidades de acção, sendo a participação um direito e um dever, que devem ser continuamente procurados, tanto a nível individual como colectivo. Deste modo, a participação implica constantemente a tomada de decisões, ou seja, de escolhas, o que exige a existência de relação, comunicação, interação e negociação entre os interessados, de forma a serem ultrapassados conflitos, discriminações ou divergências.

Para Davies et al. (1989), a participação “refere-se às actividades dos pais que supõem algum poder ou influência em campos como o planeamento, gestão e tomadas de decisão nas escolas” (p.24). Silva (2003) é da mesma opinião ao remeter o conceito de participação para a “integração de órgão da escola, de associações de pais ou órgãos a outros níveis do sistema educativo” considerando-a como uma “atitude política” (p.83).

A participação das famílias nas escolas é vinculada por um conjunto de documentos legislativos elaborados com o objetivo de dar ênfase a esta dimensão do ensino. No que diz respeito à participação dos pais nos órgãos de gestão das escolas, ela surge atualmente consagrada pelo Decreto-Lei nº137/2012 de 2 de Julho. De acordo com este documento, o CG é o órgão máximo da direcção, administração e gestão dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas sendo o responsável pela definição das linhas orientadoras da actividade da escola. Na composição deste órgão tem de estar salvaguardada a participação de representantes do pessoal docente e não docente, dos pais e encarregados de educação, dos alunos, do município e da comunidade local.

No que diz respeito ao envolvimento, para Davies et al. (1989), ele “engloba todas as formas de actividades dos pais na educação dos seus filhos – em casa, na comunidade ou na escola” (p.24). Silva (2003) tem uma perspectiva semelhante ao afirmar que o envolvimento é um “apoio directo das famílias aos seus educandos” considerando que este apoio tem uma “base individual e o seu objecto tem um rosto” (p.83).

De acordo com Lima (2001), o envolvimento consiste nas atitudes e no empenhamento dos indivíduos na participação. O envolvimento parental surge então como condição de participação, uma vez que “toda a participação acarreta algum tipo

de envolvimento” (Lima, 2001, p. 76) demonstrando a implicação dos pais na educação e desenvolvimento dos seus filhos, tanto em casa, como na escola e na restante comunidade, sendo necessárias estratégias que fomentem esta interação e interesse. Esta colaboração, este envolvimento, tende a variar de acordo com os objetivos dos professores e as expectativas dos pais.

Deixaremos o conceito de participação e concentrar-nos-emos apenas no envolvimento das famílias uma vez que neste trabalho, pretende-se que os pais se envolvam nos processos e que colaborem com o professor do seu educando nas tarefas diárias de sala de aula.

Contudo, ao longo deste trabalho, irá continuar a ser referida a participação mas com o intuito de explicar a ida dos pais à escola, a intervenção destes nas atividades e não no sentido da tomada de decisões em órgãos de gestão.

Será então importante conhecer a pertinência desta relação “armadilhada” (Silva, 2003) e as concepções vigentes na sociedade a fim de a tornar mais harmoniosa e satisfatória para todos os agentes educativos.

3.2. Problematização do envolvimento dos pais

3.2.1. A importância da relação escola-família

A escola nem sempre teve a importância social que tem nos dias de hoje. Tal como refere Silva (2010),

durante décadas a relação escola-família esteve quase ausente das pesquisas realizadas no campo educativo. O final da Segunda Guerra Mundial e a entrada na segunda metade do século trarão alterações profundas com o advento de novas condições sociais a induzir novas condições teóricas e de pesquisa empírica (p. 448).

Contudo, a escola, enquanto instituição de valor social, assume hoje um importante papel na promoção e desenvolvimento de interações capazes de tornar o processo ensino-aprendizagem cada vez mais significativo e interessante para todos os intervenientes escolares. Isto porque, e tal como afirma Vieira (2006), os obstáculos que impediam a afirmação da dimensão social da escola foram ultrapassados, o que levou à identificação, pelos próprios pais, da importância da escolaridade.

Existe assim, atualmente, uma consciência da importância da escolarização de tal modo assumida que levou a um investimento sem precedentes da sociedade, quer dos governos, quer das próprias famílias. Como sempre, a sociedade incumbe hoje aos professores a responsabilidade de formar os seus filhos enquanto cidadãos. Esta é assim uma profissão de interesse público que serve a sociedade e à qual é atribuída a função de identificar, interpretar, refletir e selecionar os objetivos que a educação deve cumprir. A profissão existe porque a sociedade precisa dela. Como tal, cabe aos professores garantir que servem a comunidade em que estão inseridos por forma a responder cada vez mais e melhor às necessidades dos educandos, das suas famílias e da sociedade.

Deste modo, desde a entrada das crianças na escola, que a parceria que se estabelece, entre a família e a escola/professores, se reveste de uma importância extrema.

É a partir deste momento que, tanto a escola como a família, vão fazer parte do quotidiano da criança. Vai dar-se então o confronto entre os diferentes modos de pensar e agir. Ambas vão ser julgadas. Ambas vão exigir da outra os seus direitos. Costa (2003) relembra que tanto a escola como a família têm implicações na educação e formação dos alunos e que o estabelecimento de uma rede de comunicações de torna fulcral bem como a definição de “fronteiras ou limites entre os dois sistemas, facilitando a privacidade, a autonomia e a diferenciação de cada um deles” (p.108).

A família enquanto agente socializador primário e “rede complexa de relações e emoções entre os seus membros, cujos laços mantém a unidade do sistema” (Costa, 2003, p. 106) e a escola enquanto sistema formal com uma relevância social que está organizado numa hierarquia envolvida num grande conjunto de normas com base legislativa (Costa, 2003) serão agora sujeitos a uma relação que determinará o percurso escolar dos alunos que estejam envolvidos.

A criança encontra-se no meio destes dois pólos e, para seu próprio bem, é conveniente que esta relação seja saudável e que permita uma efetiva colaboração. É ainda importante não esquecer que, as crianças, enquanto meio de comunicação entre as duas partes, deve ser poupada a situações desagradáveis que evidenciem choques entre a escola e a família.

Em consequência da evolução do conceito de família e da progressão que as escolas têm feito no sentido de promover uma educação cada vez mais adequada à

época, a própria relação que se estabelece entre a escola e a família tem sofrido alterações.

Tal como relembra Formosinho (1998) “a evolução da sociedade leva a que os desafios educativos (...) sejam muito mais acentuados” (p.19) pelo que é necessário uma constante adaptação da escola aos modelos vigentes na sociedade que serve e como tal, às famílias que a compõem. Guerra (2000) tem uma opinião semelhante ao afirmar a escola como agente que “gera um conjunto de interações que estão regulamentados por uma normativa explícita e pelos condicionalismos explícitos (...) da sua cultura” (p.27) que tem como função “contribuir para o melhoramento da Sociedade através da formação de cidadãos críticos e responsáveis” (p.7).

Esta consciencialização nas sociedades atuais de que a educação é essencial e que níveis académicos superiores são, normalmente, sinónimo de melhor qualidade de vida, leva a que as famílias tendam a valorizar o papel das escolas e a assumir a escolarização como um percurso crucial para a vida dos seus descendentes. É desta forma que os pais assumem a função de “pais de alunos” (Montandon & Perrenoud, 2001), considerada como uma das mais importantes no exercício parental. Esta valorização é uma condição necessária para que os pais se sintam interessados em se envolver na vida académica dos filhos e caso não aconteça, poderá constituir um entrave ao estabelecimento de uma relação entre os dois agentes educativos (Matos, 1994).

Relativamente aos pais, Sampaio (2007) lembra que, nos tempos atuais, poucos são os pais que têm tempo para os filhos visto que o *stress* do dia-a-dia tem vindo a ser uma característica cada vez mais vincada na sociedade. Como tal, os pais tendem a delegar na escola parte das suas responsabilidades parentais esquecendo-se das repercussões negativas que tal medida pode gerar.

Contudo, e uma vez que é a escola a responsável por iniciar e dinamizar a participação ativa dos pais, é necessário que haja, por parte da instituição, uma valorização do papel dos pais a fim de implementar rotinas que conduzam ao efetivo envolvimento. Assim, além de deverem estabelecer uma rede de comunicação, os professores deverão motivar os pais para esta experiência.

Coleman (1996, citado por Bhering, 2003) “estabelece uma relação entre o clima escolar e o aproveitamento escolar, e explica que o procedimento para melhorar o aproveitamento/ desempenho escolar das crianças envolve aquilo que os pais pensam sobre o desempenho da escola e as habilidades dos professores, bem como

a percepção dos pais sobre o clima escolar” (p. 487). Aquele autor identifica assim a relevância do envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos, acreditando que as percepções que os pais têm sobre a escola são determinantes para o seu grau de envolvimento.

Montandon e Perrenoud (2001), ao retomarem alguns trabalhos realizados, referem que neles foi comprovado que a implicação dos pais no percurso escolar dos seus educandos melhora tanto os resultados escolares como as atitudes dos mesmos.

É por isso importante incentivar-se uma nova postura da escola face aos saberes da comunidade e dos pais: partilhar com eles as atividades realizadas pelas crianças e transformar os seus saberes em fonte de conteúdos e instrumentos pedagógicos. Quando o professor valoriza diferentes estilos e tradições familiares todos beneficiam: crianças, familiares e docentes.

A participação ativa dos pais na vida escolar dos filhos deverá assim um objetivo importante a desenvolver. Através desta colaboração, pais e docentes devem interagir e planificar em prol das crianças, de modo a garantirem um desenvolvimento saudável em todas as suas dimensões.

3.2.2. Obstáculos à participação

Existem vários fatores que podem intervir e influenciar o envolvimento das famílias nas dinâmicas de sala de aula e que podem constituir um obstáculo a esse mesmo envolvimento. Estes entraves podem ser tanto do lado dos pais como dos professores.

Na visão dos professores, os pais transformam as “escolas em gigantescos parques de estacionamento dos seus filhos” (Costa, 2003, p. 120) não solucionando os problemas que só a eles lhes competem, mas delegando essa função nas escolas.

Por outro lado, os professores são vistos, pelos pais, como “incompetentes para conseguir motivar as novas gerações para um ensino-aprendizagem bem sucedido” (Costa, 2003, p. 120) não adequando as estratégias pedagógicas às características sociais dos alunos.

Segundo Guerra (2000) "por vezes assiste-se a um diálogo entre dois culpados, cujo aligeirar da culpa repousa, em grande parte, na descoberta das lacunas

do papel do outro, ou pior ainda, na transferência para a criança - «agressiva», «difícil» - do seu mal-estar" (p.27).

A participação dos pais na escola pode implicar divergência e discórdia, que são evitadas por ambas as partes, por uma questão de cidadania. Como resultado das divergências surgem questões de confiança entre pais e professores, no que respeita às capacidades e ao trabalho desenvolvido por ambas as partes. Os pais tendem a sentir-se "distantes" da figura educativa, considerando a autoridade da escola como inatingível e irredutível, sentindo-se assim incapazes de se pronunciarem nas questões escolares. É então necessário um trabalho conjunto, entre a escola e a família, que compreenda os diferentes pontos de vista e que respeite as diferenças culturais. Tal como afirma Cunha (2001), o que importante é que ambos reconheçam o papel do outro e que o seu contributo é relevante por forma a poder chegar a um consenso com base nas duas opiniões que podem ser divergentes.

Uma das causas para a reduzida participação dos pais é a falta de informação e interesse. Há pais que se afastam das interações com a escola, vendo-a como uma área separada da família (valores e funções diferentes), outros tentam uma aproximação na perspetiva de uma ação conjunta. Com isto, os pais visam não perder o ascendente individual sobre a educação dos seus filhos.

Os pais constroem conceitos sobre a escola a partir das suas experiências enquanto alunos, do que ouvem dizer, e do contato com pessoas do contexto educativo, o que conduz, por vezes, a uma imagem afastada da realidade. É frequente que os pais, devido às suas experiências negativas do passado tenham um certo receio na relação com a escola.

Em muitos casos os pais justificam a sua falta de participação com questões profissionais, alegando falta de tempo e a incompatibilidade horária (Matos 1994). De facto, a maioria dos pais tem um horário de trabalho sobreposto ao horário escolar dos educandos. As condições laborais podem impedir a saída do local de trabalho. Como tal, a ida à escola é preterida.

As habilitações académicas dos pais também influenciam esta dinâmica uma vez que, e tal como refere Carvalho et al. (2000), são os pais cujas "habilitações escolares estão mais próximos do universo dos professores que melhor compreendem a linguagem que a escola estabelece com as famílias, sendo excluídos os outros pais menos escolarizados" (p.21). Além da linguagem, o sistema burocrático enraizado nas

escolas, também contribuí para o afastamento das famílias que não compreendem a linguagem técnica associada a este sistema (Lima, 2002; Marques, 1993).

Alguns pais revelam ainda algumas dificuldades em acompanhar os estudos dos seus filhos em casa e, em certos casos, acresce dúvidas sobre como educar melhor os seus filhos (Matos, 1994).

É importante não esquecer que uma das práticas mais regulares nas escolas é a chamada dos pais à escola para reportar problemas de aprendizagem ou indisciplina (Matos, 1994; Silva, 2002). Desta forma, o envolvimento está a ser utilizado de forma errónea provocando um descontentamento dos pais que conduz ao evitamento deste tipo de comunicações. Esta condição é mais acentuada quando as comunicações são realizadas pelos professores com uma atitude de sobrançeria que conduz a um sentimento de inferioridade por parte dos pais (Matos, 1994). Num conjunto de estudos levados a cabo por Pinto (2006) verificou-se que os professores, apesar de considerarem necessárias as comunicações entre a escola e a família, utilizam-na apenas para transmissão de informações, e não como forma de envolvimento efetivo no qual os pais possam ter parecer na planificação e implementação de atividades.

No caso dos professores, tal como foi enunciado anteriormente, alguns deles consideram que a entrada dos pais nas escola constitui uma forma de perderem a sua autonomia e influência, ao mesmo tempo que passam a ser sujeitos a maior controlo e fiscalização (Matos, 1994). Tal como refere Nóvoa (1992) “os professores vivem tempos conturbados e paradoxais. Apesar das críticas e das desconfianças em relação às suas competências profissionais exige-se-lhes quase tudo” (p. 12). Além disso, a escola/os professores tendem a adiar o “diálogo cooperativo com os pais, circunscrevendo-o ao indispensável e ao legalmente prescrito para não abdicar do poder que sempre deteve” (Costa, 2003, p. 130).

Além disso, os professores podem encarar a entrada das famílias nas escolas como uma forma de complicar o seu habitual funcionamento e como uma forma de os levar a realizar mais tarefas (Davies, Marques & Silva, 1992).

Assim, os professores desenvolvem estratégias com que se possam proteger da participação dos pais, uma vez que estão “inseguros nos seus poderes, ameaçados pela presença dos pais” e questionando-se “sobre a pertinência desta presença dilemática” (Costa, 2003, p. 130). Os professores temem que o seu conhecimento seja posto em causa, o que os leva a optar por estratégias de isolamento/não interação, em defesa da sua capacidade profissional. Alguns professores chegam mesmo a ver a

interacção dos pais como inútil, por considerarem débeis os seus conhecimentos sobre o ensino.

Ao longo da sua carreira, os professores interiorizam, a partir das suas experiências, saberes e práticas, conceitos que os fazem categorizar os pais em *bons* ou *maus* pais. Estes preconceitos influenciam a relação entre pais e professores e, em certos casos, leva alguns professores a desconfiarem das vantagens desta parceria (Matos, 1994). Deste modo, por exemplo, os professores podem criar expectativas mais elevadas sobre os alunos que têm pais mais participativos e considerar que os pais que participam menos são desinteressados contudo, tal não corresponde muitas vezes à realidade (Silva, 2002). Estes preconceitos podem ainda ser aumentados quando a família e a escola fornecem informações distintas às crianças. Quando as ideias da família não se vêm repercutidas na escola, ou vice-versa, forma-se um conflito de opiniões que, se não for ultrapassado, pode constituir um novo preconceito que será limitador de possíveis interações futuras. Assim, em vez de parceiros educativos, escola e família tornam-se opositores baseando a sua ação em discriminação das atitudes do outro (Matos, 1994).

4. METODOLOGIA DE RECOLHA E TRATAMENTO DE DADOS

Todo o trabalho desenvolvido ao longo da intervenção assenta numa metodologia qualitativa, uma vez que esta “está vocacionada para a análise de casos concretos, nas suas particularidades de tempo e de espaço, partindo das manifestações e atividades das pessoas nos seus contextos próprios” (Flick, 2005, p. 13).

Visto que esta metodologia “centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes ou os valores” (Sousa & Baptista, 2011, p.56), considerou-se que seria a mais adequada para este estudo e toda a prática pedagógica.

É ainda importante referir que a metodologia qualitativa considera a

interação do investigador com o campo e os seus membros como parte explícita da produção do saber, em lugar de a excluírem a todo o custo, como variável interveniente. A subjetividade do investigador e dos sujeitos estudados faz parte do processo de investigação (Flick, 2005, p. 6).

Neste trabalho o objetivo é dar a conhecer de forma mais fundamentada o contexto tendo em conta a sua dinâmica e complexidade a partir da análise dos dados recolhidos (Sousa & Baptista, 2011).

Ao longo de toda a prática pedagógica foram adotadas diferentes metodologias de recolha e tratamento de dados de acordo com a especificidade de cada momento e de cada tipo de informação recolhida.

Para a caracterização do agrupamento e da escola foi realizada uma pesquisa e análise documental do RI. Recorreu-se ainda aos dados do INE (2011) para caracterizar a população residente na freguesia em que se encontra situada a escola.

No que diz respeito à caracterização da turma e das suas lógicas de funcionamento, recorreremos à observação “não participante” uma vez que se desenvolveu com os seus intervenientes no seu meio natural e que não implicou a nossa intervenção sendo nós um “actor externo” (Sousa & Baptista, 2011, p. 89), e à recolha de informação junto da PC, enquanto informante privilegiada, através de conversas informais.

No âmbito do processo de observação foi registado em “notas de campo”² uma situação de interação entre a escola e as famílias, em que os familiares dos alunos foram convidados a ir à escola para assistirem a uma apresentação dos alunos.

Para a fase inicial deste trabalho, ou seja, para a elaboração do PI, o tratamento dos dados recolhidos foi realizado a partir da análise de grelhas de registo preenchidas ao longo da observação. Este conjunto de dados possibilitou a caracterização do contexto socioeducativo de forma a construir um PI que fosse ao encontro do que foi estabelecido tanto pelo agrupamento como pela docente. Este processo fez parte da primeira fase deste trabalho, que previa a adequação da nossa intervenção ao contexto de estágio onde iria decorrer a prática e aos alunos com os quais iríamos trabalhar.

A segunda fase deste trabalho consistiu na implementação do PI junto dos alunos. Durante esta fase deu-se continuidade à observação, mas, desta vez numa perspetiva mais participante visto que havia uma intervenção ativa da nossa parte (Coutinho, 2011). Estas observações foram sistemáticas e realizadas em situações naturais.

Durante este processo, e de acordo com as finalidades desta fase do trabalho, foi aplicada uma metodologia próxima da investigação-ação, uma vez que visava a intervenção junto dos alunos de forma a melhorar a qualidade do ensino e dos docentes (Esteves, 2008). John Dewey (1859-1952) foi um dos fundadores desta metodologia considerando que a prática deveria estar associada a uma investigação e reflexão capaz de resolver os problemas que surgem no quotidiano do exercício da profissão docente (Esteves, 2008).

A investigação-ação é “participativa e colaborativa” (Sousa & Baptista, 2011, p.65) envolvendo todos os intervenientes e funcionando como uma “espiral” (Sousa & Baptista, 2011, p.66) no ciclo de planeamento-ação-avaliação/reflexão.

Para esta fase do trabalho, a maioria dos dados obtidos foram registados em grelhas de modo a serem analisados no final da intervenção³.

Ao longo da intervenção, e tal como já foi referido, os pais foram chamados a participar em diversas atividades com vista ao seu envolvimento em de sala de aula.

² Optou-se por este tipo de registo devido à natureza da interação mostrando-se inadequado fazer um levantamento exaustivo deste momento.

³ As grelhas encontra-se em anexo e referenciadas ao longo do capítulo sobre a avaliação.

Para conhecer melhor a percepção que tanto os pais como a docente tinham sobre este envolvimento foi levado a cabo um estudo que tinha como objetivos:

- Conhecer as percepções da docente e dos pais sobre o envolvimento das famílias nas atividades diárias;
- Conhecer as práticas de envolvimento, tanto dos pais como da docente, em processos de articulação/cooperação existentes entre ambos.

Para dar início a este estudo, foi importante realizar uma pesquisa de literatura sobre o tema como forma de recolha de dados secundários que permitisse a construção de instrumentos de recolha de dados primários: a entrevista e o questionário (Sousa & Baptista, 2011). Esta revisão foi essencial para desenvolver um conjunto de conhecimentos sobre o tema de modo a integrar os dados recolhidos com a literatura e os trabalhos já realizados neste âmbito. É ainda importante referir que esta construção teve ainda como fundamento a caracterização do contexto para que os instrumentos fossem o mais adequados possível.

A entrevista teve como propósito conhecer as conceções e práticas da docente no que diz respeito ao envolvimento das famílias. Este é, segundo Ketele (1999), um método de recolha de dados “cujo grau de pertinência, validade e fiabilidade é analisado na perspetiva dos objetivos da recolha de informações” (Sousa & Baptista, 2011, p. 79). Esta entrevista era semi-estruturada uma vez que tinha um guião prévio (Anexo D) com um conjunto de perguntas definidas e que, apesar de poder ser alterado ao longo da entrevista, direcionava a mesma para os objetivos previamente definidos (Sousa & Baptista, 2011).

A entrevista foi gravada em suporte audio e posteriormente transcrita a fim de poder ser alvo de análise (Anexo E). Devido à natureza do discurso oral, o texto foi redigido de modo a torná-lo inteligível depois de escrito (Guerra, 2008).

À semelhança da entrevista, o inquérito por questionário teve como objetivo conhecer as conceções e práticas de envolvimento das famílias nas escolas. Foi aplicado aos pais (Anexo F), no fim da intervenção, tendo sido disponibilizado através do *Google Drive* e respondido voluntariamente *on-line*. Para colher a melhor adesão possível por parte dos pais, na reunião de fim de 2.º período letivo, os pais foram sensibilizados para responder ao questionário, tendo sido nesta recolhidos os seus endereços eletrónicos, para envio da ligação ao questionário *on-line*.

O inquérito por questionário é uma técnica de recolha de dados que prevê a sua aplicação junto de um grupo de indivíduos que representem a população em

estudo, não envolvendo a interação entre os dois agentes (Sousa & Baptista, 2011). O tipo de questionário aplicado era misto uma vez apesar de as respostas serem fechadas havia um espaço destinado para os inquiridos referirem o que mais achassem pertinente.

Foram escolhidas respostas maioritariamente fechadas de forma a facilitar aos inquiridos a realização do mesmo. Além disso, estes tipos de questionários são mais objetivos e permitem um tratamento e análise de informação mais diretos (Sousa & Baptista, 2011).

Antes da sua aplicação junto da população em estudo, o questionário foi aplicado a pais de outros alunos a fim de verificar a sua pertinência e coerência.

Os dados recolhidos tanto na entrevista como no questionário, permitiram completar a informação sobre o contexto na medida em que ajudam a caracterizar tanto a docente como os pais destes alunos.

A docente exerce a sua profissão há 14 anos tendo sido colocada todos os anos. Toda a sua experiência é em 1.º Ciclo tendo já lecionado os quatro anos de escolaridade.

Dos 11 participantes que responderam ao questionário, 2 eram do sexo masculino e 9 do sexo feminino. As idades estavam compreendidas entre os 31 e os 44 anos. As profissões eram bastante distintas sendo as seguintes: Juíza, Psicóloga, Técnica Superior de Turismo, Desempregada, Contabilista, Técnica Superior de Segurança no Trabalho, Gestora, Cabeleireira, Secretária Clínica, Consultora, Delegada de Informação Médica.

O grau de escolaridade distribuíam-se como mostra a Figura 1.

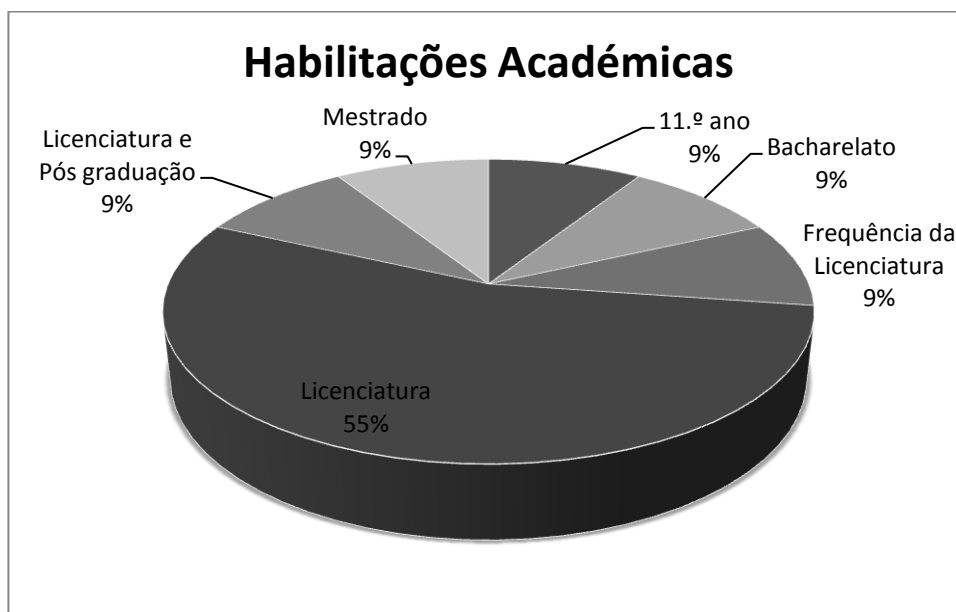


Figura 1

Habilitações Académicas dos pais dos alunos

Nota. Dados recolhidos no questionário e analisados em Excel.

Pudemos assim verificar que a maioria dos pais é licenciado havendo apenas um caso de não conclusão do ensino secundário.

Os restantes dados resultantes desta recolha de dados (Anexo G) serão analisados no capítulo seguinte sendo realizada uma comparação entre as percepções de cada um destes intervenientes na ação conjunta que têm na vida escolar dos alunos da turma.

Em forma de síntese, ao longo deste trabalho tentou recolher-se e tratar os dados da forma mais adequada possível, tendo em conta a especificidade de cada momento que compôs este processo e por isso, os métodos são diversificados. Contudo, o estudo de casos de relações sociais, tem sempre subjacente alguma subjetividade que pode conduzir a uma diminuição de rigor. Espera-se colmatar esse facto a partir da consciência do mesmo.

5. APRESENTAÇÃO FUNDAMENTADA DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA

Este capítulo pretende apresentar os princípios pedagógicos que guiaram a ação ao longo da intervenção e que foram definidos de acordo com os objetivos. Serão ainda apresentadas as estratégias selecionadas bem como o contributo de cada disciplina para a consecução dos mesmos objetivos. Visto que os pais foram convidados a participar em diversas atividades, será também aqui apresentadas as conceções de pais e docente sobre este envolvimento.

5.1. Princípios Pedagógicos

Inerentes à ação de ensino-aprendizagem estão os princípios pedagógicos, uma vez que são estes, ou é por estes, que esta ação se desenrola.

Os princípios pedagógicos consistem em preceitos estabelecidos a nível didático, que possam ser utilizados em vários contextos, com o objetivo de contribuir para um melhor ambiente de ensino, alargar os conhecimentos e desenvolver as competências dos alunos envolvidos.

Tendo esta ideia como base, foi definido no PI, um conjunto de princípios que visavam alargar os conhecimentos dos alunos bem como desenvolver algumas das suas competências. Deste modo definimos os seguintes princípios: trabalho cooperativo; aprendizagens significativas; diferenciação pedagógica e integração curricular.

O trabalho cooperativo, além de ser uma competência social importante a desenvolver nos alunos, permite que todos se empenhem na entreaajuda e a respeitar-se mutuamente (Arends, 2008), o que conduz a uma interação grupal mais interessante e motivadora.

As aprendizagens significativas preveem que os alunos aprendam como base no que já conhecem (Pelizzari et al., 2002) para que a aprendizagem não seja mecânica mas sim um processo dinâmico e envolvente que dificilmente será esquecido, visto que “a aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do

indivíduo” (Moreira & Masini, 2006, p.17). Além disso, quando o professor se baseia nos interesses e necessidades dos alunos, motiva-os o que constitui uma condição necessária para que estes aprendam mais e melhor. Um dos princípios de Jerome Brunner baseia-se no facto de sabermos que as crianças têm uma vontade de aprender inerente (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

A diferenciação pedagógica consiste numa “adaptação do currículo e das abordagens educativas do professor, para que cada aluno possa aprender de acordo com o seu potencial” (Arends, 2008, p. 447) permitindo assim que a individualidade de cada aluno seja respeitada. Torna-se evidente que, e tal como referem Grave-Resendes e Soares (2002), “Os alunos aprendem melhor quando o professor toma em consideração as características próprias de cada um, visto que cada indivíduo possui pontos fortes, interesses, necessidades e estilos de aprendizagem diferentes” (p. 14).

A integração curricular é um princípio vinculado pelo Currículo Nacional do Ensino Básico⁴ (2007) que prevê que o professor promova “atividades dirigidas à observação e ao questionamento da realidade e à integração de saberes”, bem como que desenvolva “atividades integradoras de diferentes saberes, nomeadamente a realização de projectos” (p.19).

Acreditamos que estes princípios são basilares e que com eles estamos a intervir de forma adequada junto deste grupo de alunos. Eles justificam-se pela sua pertinência e relevância em contextos educativos, nomeadamente neste ciclo de ensino.

5.2. Estratégias de intervenção e contributo de cada disciplina para a sua consecução

Para aplicar estes princípios na intervenção, foi definido um conjunto de estratégias que visavam alcançar estas metodologias de trabalho. Como tal, e para tornar o processo mais claro, será desde já relacionadas as estratégias com as atividades que foram desenvolvidas. Assim, serão demonstrados os contributos de cada disciplina para o que foi definido no PI.

⁴ Documento revogado pelo Ministério da Educação, mas orientador da prática docente.

Com vista à promoção do trabalho colaborativo projetámos e realizámos tarefas em pequenos grupos ou a pares de forma a que os elementos de um grupo dependessem uns dos outros para terem acesso ao conhecimento, não podendo “virar as costas uns aos outros”, ou optar por trabalhar de forma independente.

Apesar de alguma resistência inicial por parte de alguns alunos em desenvolver trabalho cooperativo, estes foram compreendendo, ao mesmo tempo que desenvolviam o trabalho, qual o seu papel em todo o processo percebendo que o resultado final só seria positivo e interessante se todos trabalhassem para o mesmo objetivo e se todos dessem o seu melhor. Para tal acontecer foi necessária a nossa intervenção por diversas vezes.

Estes aspetos, apesar de terem sido bastante trabalhados em sala de aula, o contributo da Expressão e Educação Físico-Motora neste âmbito foi essencial. Foi desenvolvida uma unidade didática (Anexo H) que concorria com o objetivo de promover a cooperação entre os alunos e que foi aplicada nas 4 sessões que ocorreram. A evolução ao longo das aulas, tanto dos alunos como da nossa preparação foi significativa, o que promoveu a melhoria das aulas e o seu sucesso.

As estafetas previam a colaboração de todos os elementos de uma equipa para terminar a tarefa antes da outra equipa. Verificámos que os alunos foram percebendo que todos tinham de estar atentos à atividade e ao que o colega estava a fazer, no sentido de alcançar o objetivo do jogo.

Para o estabelecimento de relações entre os alunos, algumas das atividades de aquecimento e de relaxamento, foram realizadas a pares no sentido de os alunos estabelecerem contato uns com os outros.

Os jogos selecionados formam jogos coletivos de forma a que fosse fomentada a colaboração entre os elementos da equipa. Neste jogos, só se atingiam bons resultados se a equipa fosse coesa e trabalhasse em cooperação. Assim, além de permitir uma estreita ligação entre todos os elementos, facilitava ainda o desenvolvimento de estratégias comuns para atingir um bom resultado no jogo. Foi o que aconteceu durante a nossa intervenção. Os elementos de cada equipa torciam pelo seu colega, de forma a atingirem o objetivo comum: vencer. Apesar de, às vezes, surgirem comentários menos favoráveis à participação de alguns colegas, no geral, os resultados foram satisfatórios e eles próprios percebiam que, ao tomarem estas atitudes, só se prejudicavam a si e à equipa.

Apesar do grande foco que demos a esta cooperação nas sessões de Expressão e Educação Físico-Motora, a sala de aula também foi espaço de desenvolvimento desta competência social.

A título de exemplo, uma das atividades de Português previa que, para completar as palavras com a letra que faltava, os alunos tinham de percorrer a sala com um dos pés atado a um colega. Assim, além de terem de discutir para ter a certeza de qual a letra que faltava na palavra (colocava-se a dúvida se se escrevia com s, ss, c, ou ç) tinham de colaborar entre si para conseguir fazer o percurso sem cair.

No âmbito da Matemática, desenvolvemos muitas vezes trabalhos a pares com o intuito de colocar os alunos a colaborar com o colegas e a escolherem a melhor estratégia de resolução de cada problema, fomentando assim a parceria.

Apesar de haver um longo percurso a fazer neste domínio, cremos que contribuímos para este objetivo de forma significativa. No curto espaço de tempo que durou a intervenção, tentámos fazer o melhor que conseguimos para alcançar o objetivo da cooperação entre os alunos, estando conscientes que é apenas uma intervenção temporal pequena.

Dado que estes alunos desenvolviam as atividades em tempos muito distintos, criámos um ficheiro de atividades (Anexo I) que pudesse ser utilizado sempre que algum aluno terminasse a atividade mais cedo. Com esta estratégia pretendíamos motivar os alunos para a aprendizagem e desenvolver a autonomia, pois os alunos foram totalmente responsáveis pela gestão da sua aprendizagem na utilização do ficheiro.

Este recurso didático estava sempre ao dispor dos alunos para colmatar os tempos de espera, quando os restantes colegas não tinham terminado ainda a tarefa principal. Decidimos, por uma questão de organização, apresentar primeiro o ficheiro de Português e o de Matemática. Após a verificação que os alunos compreendiam o modo de funcionamento deste recurso, e que a sua forma de utilização não causava mais dúvidas, colocámos então mais dois ficheiros ao seu dispor: Estudo do Meio e Jogos.

As fichas foram construídas ao longo da intervenção e estavam de acordo com os conteúdos a serem trabalhados. Assim, os ficheiros contribuían para o treino de competências. Mesmo o ficheiro de jogos tinha sopa de letras e palavras cruzadas, o que previa que os alunos tivessem de saber escrever as palavras.

Junto do ficheiro havia um caderno para cada aluno registar as fichas que tinha feito e o seu sucesso em cada uma delas. A fim de complexificar o trabalho exigido, foram construídas fichas com três níveis distintos, sendo que era necessário alcançar o sucesso em três fichas de nível 1 para passar ao nível seguinte. Esta estratégia foi implementada no sentido de motivar os alunos que acabavam sempre as atividades mais cedo e que faziam fichas com bastante frequência não se tornando desinteressante este recurso.

Verificou-se um instrumento útil para a regulação do grupo e com largas vantagens para os alunos uma vez que as fichas eram construídas de forma a que estes pudessem aplicar os conteúdos trabalhados. Além disso, verificou-se que a grande maioria dos alunos estava motivada para a elaboração destas fichas pelo que se verificou uma melhoria nos tempos de espera.

Foi desenvolvido um projeto integrador das Expressões Artísticas em que foi possível uma permuta de competências entre disciplinas. Enquanto forma de integração dos saberes, pretendíamos que a apropriação de saberes fosse articulada com a formação moral e crítica dos alunos de forma a propiciar aprendizagens consistentes, baseadas em princípios socializadores.

O trabalho de projeto é uma metodologia de trabalho que implica a participação de todos os intervenientes e que tem em vista a concretização de um objetivo comum. Neste caso, o objetivo era poupar água evitando o desperdício que se verificava até então, cada vez que um aluno ia beber água ao lavatório da sala.

O projeto iniciou-se pela recolha de ideias dos alunos sobre a água: o que sabiam; o que gostavam de saber; como iríamos descobrir; e o que gostavam de fazer.

Neste projeto, intitulado “Todos pela água”, os alunos tiveram a oportunidade de dar a conhecer o que sabiam, adquirir mais conhecimento, e planear o que gostavam de fazer. Este foi um momento crucial para que os alunos se sentissem envolvidos e que colaborassem para o propósito final.

As experiências com a água foram sugestões dos próprios alunos, o que os motivou à partida para esta atividade. O propósito de fazer um convite para que os pais fossem à apresentação do projeto foi impulsionador de uma motivação que permitiu um ótimo desempenho dos alunos na altura da divulgação do projeto. Nesse momento, os alunos apresentaram o que aprenderam sobre a água e algumas ideias

para poupar este recurso. Foram ainda lidos alguns poemas relacionados com o tema e cantada uma canção que motivava para a poupança.

A participação dos alunos em todas as fases do projeto apresentou-se-nos como uma mais-valia para o processo ensino-aprendizagem. Quando os alunos participam ativamente nas atividades, desde o planeamento até à avaliação, sentem-se parte integrante do processo de ensino, e as aprendizagens tornam-se mais significativas. Como referem Oliveira-Formosinho, Lino e Niza (2008)

uma pedagogia participativa tem grande clareza acerca da relação inextricável entre os processo de aprendizagem e os contextos em que se desenrolam, o que, por outras palavras, é dizer que reconhece a direccionalidade e interactividade entre os actores do processo educativo e os seus contextos (p.29).

Apesar de ter sido um projeto de curta duração, foi gratificante ver o entusiasmo dos alunos. Foi ainda possível trabalhar com os alunos as três Expressões Artísticas bem como o Português e o Estudo do Meio, mobilizando conhecimentos de umas disciplinas para as outras.

Consideramos também importante propor estratégias que poderiam dar resposta às necessidades dos alunos e potenciar a sua motivação, originando aprendizagens significativas. Deste modo, responsabilizámos os discentes pelas suas próprias aprendizagens e ações; propusemos o envolvimento das famílias em algumas fases do processo educativo dos filhos; criámos um ambiente positivo e de confiança dentro da sala de aula; disponibilizámos atividades gradualmente mais difíceis; encorajámos os alunos valorizando as suas conquistas; estimulámos o pensamento cognitivo dos alunos; monitorizámos de perto o trabalho de cada aluno; e propusemos a leitura de vários géneros de texto. De seguida, são dados exemplos de algumas atividades que tinham em vista as aprendizagens significativas.

A Português, foi realizado um trabalho aprofundado com base numa sequência didáctica construída para trabalhar o texto descritivo. Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do estudo realizado pelo outro elemento do par de estágio.

Tal como refere Neves Oliveira (2001), não só a frase, mas também o texto, possui critérios que avaliam a sua “boa formação” o que permite a sua classificação como “mal articulado”, “sem sentido” ou “incoerente” (p. 23). Foi por isso que se achou pertinente começar desde já com os alunos a trabalhar a sequência descritiva por forma a que os alunos adquiram competências de escrita consistentes.

Começou-se então por fazer uma atividade inicial em que os alunos tinham de escrever um texto descritivo de um quadro de Van Gogh, sem qualquer ajuda ou indicação por parte do adulto.

Seguidamente, foram realizadas atividades que visavam trabalhar este tipo de texto. Foi construído um dicionário ilustrado a fim de aumentar o léxico dos alunos, interligando assim o Português, com o Estudo do Meio e a Plástica. Foi apresentada a estrutura do texto descritivo à turma e foi feito um exemplo em grande grupo com a participação de todos. Realizámos ainda várias atividades sobre os localizadores espaciais, entre as quais a identificação da posição relativa dos alunos distribuídos pela sala.

A fim de verificar as aprendizagens, no fim de toda a sequência, os alunos tiveram de voltar a realizar a primeira atividade com o intuito de se estabelecer uma comparação entre os textos produzidos nos dois momentos.

Todo este trabalho serviu para um progresso significativo nas aprendizagens dos alunos. Apesar de haver alguns que mostraram uma maior evolução do que outros, em termos globais esta sequência mostrou-se bastante pertinente e bem conseguida.

Tendo em vista as aprendizagens significativas, construímos alguns materiais para colocar nas paredes da sala de modo a que os alunos pudessem a eles recorrer sempre que necessário (Anexo J). Estes materiais estavam relacionados com a forma como os conteúdos iam sendo abordados, de forma a que os alunos estabelecessem mais facilmente as relações. Por exemplo, e no âmbito do Português, havia uma “Casa Torta” com o texto trabalhado para dar os grafemas “ar, er, ir, or, ur”, as “Fichas de Identificação Espacial” de dois astronautas que ensinaram algumas palavras com “as, es, is, os us” e dois elefantes, o Humberto e o Fernando, que ajudaram a saber quando é que se usava “am, em, im, om, um” ou “an, en, in, on, un” (Figuras J1; J2 e J3).

Já no âmbito da Matemática, construímos a tabela do 100. A PC tinha a reta numérica até 20 mas verificou-se a necessidade de completar os números até 100. Assim, foi construída a tabela tendo em atenção a relação entre os números, nomeadamente os amigos do 10 (números que somados prefazem 10). Os amigos do 10 tinham a mesma cor (Figura J4).

Para o Estudo do Meio, foram afixados cartazes com o que descobrimos sobre a flutuação e os cheiros agradáveis e desagradáveis após a realização de experiências sobre estes conteúdos (Figura J5 e J6).

O mercado foi uma atividade para a qual despendemos bastante tempo na preparação mas que se revelou bastante interessante. Estávamos confiantes de que iria ser um momento motivador e promotor de diversas aprendizagens e que seria significativo pela sua proximidade à realidade.

A turma foi organizada em dois grupos: os vendedores e os compradores. Os vendedores estavam atrás de uma mesa a vender mercadoria, os compradores tinham uma lista de compras de produtos a adquirir em cada uma das bancas. Havia 12 bancas: carne, peixe, fruta, legumes, frutos secos, entre outras. Em cada banca, havia produtos que podiam ser adquiridos, por exemplo, na fruta, havia maçãs, bananas, ananás etc.

Tanto os compradores como os vendedores tinham dinheiro para poder fazer as trocas comerciais. No fim do primeiro grupo fazer as compras, os alunos trocavam de posições para que todos pudessem passar pelas duas experiências.

Foi visível a motivação dos alunos para esta atividade. Além de ser bastante prática e com bastantes recursos materiais, os alunos sentiram-se livres para explorar uma situação do dia-a-dia dos adultos.

Ao invés de realizar um conjunto de exercícios sobre o dinheiro e o troco, esta atividade trouxe a mesma competência de uma forma mais dinâmica e em que os alunos foram mais participativos e interessados. O sucesso da atividade demonstra-se pela solicitação dos alunos em a realizar mais vezes.

Tal como previsto no PI, os pais foram solicitados a participar nas mais diversas atividades dando assim o seu contributo para a consecução do plano.

A prenda do dia da mãe contou com a participação de todas as mães sem que o soubessem. Cada aluno levou para casa uma folha para preencher com uma receita culinária. As 25 receitas obtidas permitiram construir um livro de receitas que lhes foi oferecido. Foi assim elaborado um recurso para de todos para todos.

Creemos que esta atividade foi muito bem conseguida e que produziu os efeitos desejados. As mães participaram, os alunos sentiram-se motivados para a sua construção, e foi uma prenda original com mais contributos dos alunos e das famílias e não tanto de um professor que faz grande parte do trabalho como é habitual nestas ocasiões.

Na realização dos roteiros de leitura estava previsto que os alunos levassem para casa um livro infantil e uma pequena ficha. Nesta atividade, pretendíamos que fossem os alunos a lerem o livro aos pais e que estes ajudassem na elaboração das respostas e tarefas propostas na ficha. O objetivo desta atividade concorria para o envolvimento das famílias no que diz respeito à promoção da leitura e da escrita, tal como previsto nos nossos objetivos.

Verificámos que todos os alunos cumpriram com a tarefa, apesar de, em certos casos, não ter sido evidente a participação dos pais na mesma, visível a partir da análise dos resultados destas fichas.

Contudo, verifica-se que a maioria convidou os pais para esta atividade, estando assim alcançados com bastante sucesso os objetivos desta atividade.

A docente enviava trabalhos de casa todos os dias pelo que, durante o nosso estágio, continuámos a fazê-lo. Os pais tinham conhecimento desta metodologia de trabalho da professora, e como tal, faziam o acompanhamento. Para que os pais compreendessem o que estava a ser lecionado na sala de aula, e como é que os exercícios, nomeadamente de matemática, estavam a ser concretizados com os alunos, era frequente a construção e envio de uma breve explicação aos pais dos procedimentos adotados. Tal era fundamental no ensino das estratégias de cálculo, já que os pais não as aprenderam e que os alunos ainda não foram introduzidos ao algoritmo. É ainda importante referir que estes documentos permitiam uma continuidade entre o trabalho desenvolvido na escola e o trabalho desenvolvido em casa com os pais.

Apesar de todos estes contributos dos pais, os momentos mais significativos desta participação foram, sem dúvida, as sessões em que, alguns dos pais que se disponibilizaram a tal, foram à sala dar a conhecer a sua profissão. Tendo em atenção que tal foi durante o período letivo, pudemos contar com a participação de 7 familiares (4 mães, 2 pais e 1 avô) o que revela o interesse que os pais demonstram por participar e se envolver neste processo.

Numa fase inicial, estávamos preocupadas com a disponibilidade dos pais para estas sessões, receando que estas não se pudessem concretizar. No fim, foi gratificante ver o envolvimento dos pais nesta tarefa e o tempo que dispuseram tanto para a preparação como para a sua apresentação.

É de destacar duas intervenções dos pais. Uma delas foi a de uma mãe que trabalha nos CTT e que, após apresentar as suas funções dentro da empresa,

convidou os alunos a escreverem uma carta à PC. Este momento tornou-se assim da autoria e responsabilidade desta mãe que geriu o grupo da forma que mais lhe pareceu adequada. No fim, o filho ficou encarregue de entregar aos colegas lápis e cadernos para colorir, oferecidos pela empresa.

Outra intervenção foi de um pai com uma profissão difícil de explicar a alunos desta idade: consultor hoteleiro. Com bastante perícia e mostrando uma grande preparação prévia, o pai do aluno conseguiu motivar os alunos durante a apresentação. Foi interessante observar a dinâmica criada e a preocupação que o pai teve em circular pela sala de forma a chamar a atenção dos alunos para si.

Ao longo de todas estas apresentações a maioria dos alunos estiveram interessados e participativos, colocando questões sobre as profissões de cada familiar. Apesar de alguns pais mostrarem dificuldade em explicar o que faziam, esta atividade revelou-se um sucesso. Tal é demonstrado pelo conhecimento de que alguns participaram devido à solicitação dos filhos para o fazerem.

Todo o trabalho que foi desenvolvido com os pais teve dois grandes objetivos: dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela docente, e contribuir para o estudo aprofundado que foi realizado no âmbito do envolvimento das famílias.

Assim, e nesta fase do trabalho torna-se importante verificar as conceções de ambos os intervenientes no sentido de situar as suas ideologias no decorrer do estágio e na bibliografia consultada. Os dados recolhidos para este estudo serão apresentados no ponto seguinte.

5.3. Contributo das conceções sobre o envolvimento dos pais no processo de intervenção educativa

A partir da análise da entrevista e das respostas ao questionário, é possível fazer uma ponte entre as várias opiniões.

Por exemplo, a professora considera que a participação dos pais na vida da escola é uma mais-valia para o processo ensino-aprendizagem, o que vai ao encontro das conceções dos pais que encaram a sua participação na escola e na turma como muito importante (9 em 11). Distanciado desta perspetiva, houve apenas um pai que considerou a participação nas atividades de turma como pouco importante.

Quanto à efetiva participação dos pais desta turma nas atividades, a docente salienta um projeto, por ela levado a cabo e denominado como “Eu trabalho com a minha família”, em que a cooperante salienta o interesse e participação dos pais. De facto, os próprios pais referem que participam sempre ou frequentemente nas atividades levadas a cabo pelo Agrupamento e pela AP, mas a partir dos resultados é revelado uma maior participação dos pais nas atividades promovidas pela docente.

Também verificámos esta participação nas atividades que desenvolvemos, tal como já foi referido acima.

Quando inquirida sobre como se efetiva o envolvimento, a docente apenas referiu as atividades, os projetos e as reuniões não salientado mais nenhum aspeto de entre os mencionados como relevante. Os pais, neste campo, têm opiniões bastante distintas, tal como mostra a Figura K1 em anexo (Anexo K).

A partir da análise dessa Figura podemos verificar que os aspetos em que os pais consideram que a sua participação é mais importante referem-se: à realização de atividades com o educando, em casa, propostas pela professora; ao acompanhamento da realização de “trabalhos de casa” e à participação nas reuniões de pais. Tais conceções vão ao encontro da perspetiva da própria docente.

Não obstante, e uma vez que os pais tinham à partida no questionário um conjunto de outras opções, é de salientar que ainda alguns pais consideram relevante a sua participação no que diz respeito: à planificação de atividades a desenvolver na turma (6); ao desenvolvimento de atividades específicas em sala de aula (6); à partilha de experiências e competências profissionais no âmbito das atividades da turma (9); à redação de um jornal de turma (6); em blogues ou redes sociais de acesso restrito ao professor, pais e alunos (10); e na representação dos pais da turma (10). Creio que é ainda importante referir que os pais consideraram como pouco importante ou irrelevante a sua colaboração nos seguintes aspetos: construção do plano de turma (8); estabelecimento de prioridades curriculares (8); definição de orientações pedagógicas (7).

Podemos assim concluir do interesse, tanto da professora como dos pais, na colaboração entre ambos no que diz respeito a atividades que se desenvolvem na turma. Contudo, nenhum dos interveniente considera a necessidade de os pais estarem mais envolvidos na definição de linhas orientadoras e planos curriculares, ficando estes a cargo apenas da docente.

Tal como referido na literatura, os pais consideram a escola como uma autoridade nos domínios curriculares e como tal não tendem a pronunciar-se sobre estas questões.

A literatura referida no início deste trabalho, aponta para a melhoria do ensino e das aprendizagens dos alunos quando os pais estão envolvidos. Também os pais destes alunos consideram que a sua participação pode melhorar todos os aspetos evidenciados, ou seja: o empenho dos alunos, dos pais e dos professores; os resultados escolares dos alunos; o comportamento destes; o conhecimento dos professores por parte das famílias e vice-versa; e o conhecimento dos conteúdos curriculares.

Podemos assim afirmar que os pais destes alunos estão conscientes que o seu envolvimento é importante, e que acarreta melhorias para o sucesso escolar dos seus educandos. Torna-se então claro perceber que as suas práticas de envolvimento estão enraizadas nas conceções que têm sobre esta dimensão do ensino.

Também a docente considera que “o ideal era que os pais, para além de se mostrarem interessados pelas aprendizagens dos seus filhos, também se envolvessem nas atividades desenvolvidas pela escola e na turma” o que evidencia a sua preocupação pelas conceções dos pais e da importância que têm para o sucesso da aprendizagem.

No dia da reunião de pais, a professora foi ao encontro do que os pais consideram ser o mais importante numa reunião. A docente não foi questionada sobre este aspeto uma vez que se tinha assistido à reunião e como tal, tinham sido observadas quais as questões que considerava mais pertinentes.

Nesta reunião os pais foram informados sobre os conteúdos que tinham sido trabalhados, a fase de trabalho se iria iniciar, e a apreciação da docente sobre as aprendizagens e comportamentos de cada aluno (de forma individual). Assim, a PC cumpriu com o que os pais consideram mais relevante nestes momentos: conhecer o trabalho desenvolvido pelos alunos (9); conhecer a avaliação do seu educando (10); e conhecer a apreciação do professor titular de turma sobre o comportamento do seu educando (6).

Na literatura é referido que uma das principais razões apontadas pelos familiares para a não participação nas atividades escolares é a incompatibilidade horária. Esta foi a razão mais apontada pelos pais para a não participação nas

reuniões (7). No espaço aberto do questionário, onde os pais poderiam referir o que mais achavam pertinente, foi clarificado este aspeto por duas mães que responderam:

os horários das atividades realizadas na escola (geralmente às 15:00 horas, nos dias úteis) exigem que os pais faltem ao seu trabalho nesses dias, o que naturalmente não estará ao alcance de todos. Questiono, pois, se não poderia a escola, pelo menos uma vez por ano, realizar uma atividade num horário mais adequado às necessidades dos pais (17:00/18:00 horas).

o horário em que os pais são chamados a participar nas reuniões e outras atividades dificulta muito a participação. Para quem está a trabalhar (como hoje, na apresentação dos trabalhos sobre a água, às 15h) é de todo impossível faltar a uma tarde inteira de trabalho para estar presente. (...) Assim, e apesar de perceber que nem sempre é possível à professora, sugeria que os horários se tentassem adaptar às rotinas de quem trabalha. Por exemplo às 12h30 seria um horário mais razoável, visto colar-se à hora de almoço, ou logo às 9h. Poderiam, por exemplo, passar um questionário no início do ano lectivo, com 2 ou 3 hipóteses de horários para os pais manifestarem as suas preferências.

Torna-se assim evidente que existe uma grande preocupação dos pais em participar nos eventos marcados pela professora mas que, as situações profissionais nem sempre permitem esta participação.

A própria docente está confiante deste facto ao enunciar a “falta de tempo” como um dos principais entraves ao envolvimento e à cooperação.

Pode-se assim concluir que pais e docente partilham de algumas concepções sobre o envolvimento. Este poderá ser um dos factores que leva a que neste contexto as práticas de envolvimento sejam tão significativas.

Verifica-se ainda que este não é um contexto de exceção, visto que muitas das opiniões evidenciadas vão ao encontro do que é referido na literatura.

5.4. Avaliação do Plano de Intervenção

Tal como refere Leite (2003),

é preciso depois que a gestão e avaliação do projecto não seja feita apenas por intuição mas que, pelo contrário, a equipa assuma uma profissionalidade decorrente do desempenho de papéis do “professor investigador” e do “professor reflexivo”, que lhe permita construir dispositivos de acção adequados aos perfis de mudança desejados (p. 99).

Tendo esta ideia por base, pretende-se agora dar conta da avaliação do PI. Para tal, será tido em conta o que foi definido à data da elaboração do plano e as alterações que foram necessárias acrescentar.

De um modo geral, o PI foi implementado com sucesso, tal como foi descrito anteriormente. As atividades propostas mostraram-se adequadas aos alunos, tanto no que diz respeito aos seus interesses e necessidades, como aos conteúdos que já tinham sido trabalhados. Foi tido o constante cuidado em seleccionar atividades e materiais que motivassem os alunos para a aprendizagem, e do qual são exemplo algumas das referidas no ponto 5.2. As sessões de Expressão e Educação Físico-Motora revelaram-se um sucesso e capazes de cumprir com os objetivos previamente definidos para cada uma delas. Os alunos foram quase sempre devidamente equipados para as sessões, o que mostrava o seu interesse.

Apesar disto, há sempre alterações que têm de ser realizadas devido a um conjunto de constrangimentos sendo que, na sua maioria, são ultrapassados com alguma facilidade.

O plano de acção determinado no PI não foi cumprido visto que definia à partida as atividades que iriam ser realizadas em cada tempo letivo e que, de acordo com os imprevistos que iam surgindo, foi sendo alterado. Não obstante, todas as atividades foram realizadas, levando a cabo tudo o que tínhamos definido à *priori*.

Tendo por base os princípios enunciados por Arends (1995), um dos nossos problemas foi efetivamente perceber quanto tempo seria necessário para cada atividade. Tendo em atenção a idade dos alunos “um dos problemas mais difíceis encarados pelos professores é o de saber quanto tempo é «necessário»” (Arends, 1995, p.80). Esta dificuldade foi acrescida pelo facto de termos estado há pouco tempo numa turma de 5º ano. Existe uma discrepância muito grande de idades e de competências, o que influencia diretamente os tempos de realização de cada tarefa.

Assim, numa fase inicial do estágio, foi complicado estabelecer de uma forma aproximada o tempo que os alunos levariam a cumprir cada tarefa.

Esta dificuldade foi maioritariamente sentida nas atividades de Expressão e Educação Plástica, tanto na construção da prenda do dia da mãe, como no convite aos pais. Na realidade, os alunos entusiasmam-se muito com estes trabalhos, não só por serem manuais, mas por terem um destinatário especial. Assim, empenharam-se de tal maneira que quiseram que ficasse tudo perfeito e harmonioso, por isso, o tempo desta atividade prolongou-se mais do que inicialmente previsto.

À medida que o tempo foi passando, e que conseguimos perceber claramente os ritmos de cada aluno, esta dificuldade foi-se dissipando.

Um dos constrangimentos deste estágio foi a necessidade da constante alteração das atividades no plano diário, a realizar de um dia para o outro, o que, por vezes, impedia uma preparação prévia adequada. Além disso, as fichas de trabalho construídas eram muitas vezes vistas pela PC na véspera ou no próprio dia sendo ainda preciso fazer algumas modificações.

Apesar das constantes tentativas em preparar a semana com a devida antecedência, havia sempre alguma coisa que a cooperante pensava que estaria menos bem, ou que não ia ao encontro do que ela tinha previsto, e como tal, teria de ser alterado. Para colmatar este aspeto, deixámos de planificar com tanta antecedência, a fim de evitar trabalho desnecessário.

As sessões de Expressão e Educação Físico-Motora foram, para nós, as potenciadoras de mais aprendizagens e de maior evolução. A docente PES II que nos acompanhou nestas sessões mostrou-se bastante satisfeita com a primeira a que assistiu e, após alguns comentários de melhoria que foram aplicados nas sessões seguintes, tornou-se evidente a grande capacidade de adequação das estratégias e atividades aos grupos de alunos e ao espaço do ginásio. Este foi um trabalho gratificante, com o qual aprendemos imenso e que temos a certeza que nos vai trazer boas práticas.

Com vista a avaliar o PI, serão agora apresentadas algumas considerações acerca do mesmo.

Os objetivos gerais definidos no PI eram bastante globais, não se evidenciando a sua operacionalização. Para tal, foram definidos os princípios pedagógicos e as estratégias de intervenção. Cremos ter alcançado bons resultados na aplicação de ambos. No que aos objetivos diz respeito, e a fim de os poder avaliar, foram

determinados no PI os indicadores de avaliação de cada um deles, que serão agora analisados.

Com base nas observações realizadas, nas notas tomadas e nas avaliações de cada atividade, foram preenchidas as grelhas de registo da avaliação do plano (Anexo L). A partir da análise das mesmas pudemos verificar que, apesar de não termos alcançado o sucesso com todos os alunos, e tal não seria sequer expectável, muitos deles chegaram onde pretendíamos.

No objetivo “Desenvolver competências de trabalho em cooperação e de respeito pelo outro” a maioria das células amarelas correspondem à própria personalidade dos alunos, a qual não se vai alterar devido a 6 semanas de intervenção nossas. Por exemplo, os alunos mais introvertidos têm falta de iniciativa em participar, e os alunos extrovertidos têm dificuldade em participar de forma adequada.

Nos objetivos relacionados com a disciplina de Português é evidente o maior sucesso na leitura quando comparado com a escrita. Tal é justificável pela iniciação à leitura antes da escrita pela docente. Os alunos começaram a escrever há pouco tempo e, como tal, é natural que tenham algumas dificuldades. É ainda evidente nestas grelhas as dificuldades de 5 alunos. São os que apresentam mais dificuldades na aprendizagem e que, como tal, têm resultados menos positivos. O mesmo foi verificável na ficha de avaliação de final do 3.º período aplicada pela PC.

Na Matemática verificámos uma maior facilidade em os alunos comunicarem o que estavam a fazer e como tinham chegado a determinado resultado. O seu raciocínio foi-se tornando mais claro à medida que também foram ouvindo dos colegas as formas de resolução. Para isto o trabalho cooperativo na resolução de problemas foi essencial. As interações estabelecidas entre alunos aquando da resolução destas tarefas foi essencial para o desenvolvimento desta competência. Contudo, e tal como mostra a grelha, ainda se verificam muitas dificuldades nesta capacidade pelo que se deverá continuar a trabalhar nesse sentido.

Apesar de serem gerais, os objetivos delineados mostraram-se relevantes para o contexto em que foram aplicados.

Acreditamos assim que, apesar de alguns constrangimentos, a nossa intervenção alcançou os objetivos e todo o processo foi significativo para todos os intervenientes. É ainda importante referir que estes constrangimentos são muitas vezes necessários para que se possa evoluir e para que o processo seja mais rico.

6. AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS DOS ALUNOS

O processo de avaliação é fundamental ao longo de todo o processo ensino/aprendizagem. A avaliação diagnóstica constitui o ponto de partida para a definição do rumo a seguir com o grupo de alunos. Partindo do que eles já sabem, e recorrendo às suas capacidades e interesses, os professores devem conduzir os alunos num processo de desenvolvimento das capacidades e conhecimentos. Segundo Arends (2008), “a avaliação é uma função desempenhada pelo professor com o objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas, e já deve ser claro que as decisões que os professores tomam são importantes para a vida do aluno” (p. 228).

A recolha de informação de forma sistemática permite que sejam tomadas decisões cada vez mais adequadas e promotoras de uma intervenção de qualidade. Como tal, além da avaliação diagnóstica realizada durante as semanas de observação, foi realizada de forma sistemática uma avaliação formativa, de carácter construtivo, que visava a evolução positiva dos alunos ao longo de toda a intervenção. É ainda importante que esta avaliação dê a conhecer aos alunos quais as aprendizagens adquiridas e as que ainda faltam adquirir, no sentido de todos trabalharem para o mesmo fim.

A avaliação sumativa apenas foi realizada no fim do ano letivo, tendo ficado a cargo da PC. No entanto, e uma vez que esta avaliação pretende analisar as aprendizagens dos alunos durante a nossa intervenção, os dados da mesma foram solicitados à cooperante no sentido de se poder fazer um balanço de todo o processo.

Como forma de avaliação dos alunos, foram utilizadas maioritariamente grelhas de registo que permitiram fazer uma análise das aprendizagens dos alunos ao longo da intervenção.

A maioria das grelhas foi preenchida com base na observação direta dos alunos em situação de sala de aula e ao longo das atividades. Este é o tipo de avaliação mais comum, uma vez que, enquanto os alunos trabalham, o professor tem oportunidade de observar e de os questionar de maneira a perceber as suas formas de raciocinar. Esta é uma forma de avaliação que permite recolher bastante informação, contudo, e tal como afirmam Ponte e Serrazina (2000), este factor implica que nem sempre o professor seja capaz de recolher e registar toda a informação que

recebe através da observação. A situação de estágio facilita este processo uma vez que são três adultos a observar situações e alunos distintos.

Tentámos ainda dar voz aos alunos descobrindo o que mais os motivava para a aprendizagem. Apesar de serem alunos muitos novos, as suas ideias são válidas e alvo de reflexão por parte do professor. Além disso, e tal como referem Edwards, Gandini e Forman (1999), "(...) quando os adultos comunicam um sério interesse pelas ideias das crianças em suas tentativas de se expressarem, um trabalho rico e complexo pode ocorrer" (p.48). A valorização das opiniões dos alunos e as suas propostas enriquecem o trabalho visto que estes se sentem valorizados e competentes. É com base nesta competência que os alunos se podem mostrar mais predispostos para a aprendizagem o que constitui uma condição necessária para o sucesso.

Neste momento será relevante comparar os resultados obtidos em diferentes momentos do estágio, e de acordo com cada disciplina.

6.1. Português

Seria interessante neste ponto estabelecer uma relação entre os resultados das fichas de avaliação do final de cada período. Contudo, e uma vez que elas avaliam conteúdos diferentes, tornou-se pouco adequado. Como tal, serão apenas analisadas as grelhas de registo que foram sendo preenchidas ao longo da intervenção.

A sequência didática, realizada para o trabalho do texto descritivo, mostrou-se bastante significativa e com bons resultados para os alunos. Apesar de haver graus de evolução diferentes, todos os alunos melhoraram as suas produções escritas tal como é mostrado nas grelhas de registo que comparam a atividade inicial com a final (Anexo M – Tabela M1 e M2).

Na correspondência grafema-fonema é evidente a dificuldade que alguns têm em fazê-la. Estando os alunos no 1.º ano de escolaridade, esta dificuldade é natural pelo que não consideramos alarmante.

A rotina Ler, Mostrar e Contar foi implementada no sentido de os alunos trabalharem as suas competências no que diz respeito à oralidade. Assim, e apesar de algumas dificuldades evidenciadas pelos alunos no início desta rotina, foi gratificante

ver o esforço que os alunos começaram a dedicar-lhe trazendo as apresentações cada vez melhor preparadas. Na última apresentação, por exemplo, dois alunos contaram a história de um teatro que tinham ido ver com os pais no fim de semana anterior. Explicaram com alguma clareza a situação e contaram a história de uma forma bastante adequada.

A partir da análise das grelhas de registo (Anexo N) verificamos que os indicadores onde se verificou uma melhoria das capacidades dos alunos foi: na escrita de palavras; na utilização correta da maiúscula e dos sinais de pontuação; e na adequação do discurso à finalidade.

Mostra-se assim o trabalho desenvolvido nesta disciplina.

6.2. Matemática

Nesta disciplina foi crucial a repetição de atividades e de exercícios com vista a consolidar os conteúdos aprendidos. Só através do treino e que os alunos serão capazes de desenvolver o seu raciocínio matemático e como tal, a repetição torna-se essencial. Por exemplo, o cálculo mental foi uma atividade que se repetiu por diversas vezes com vista desenvolver esse processo. Para que tal não se tornasse repetitivo e monótono, decidimos que, por vezes, ele consistia numa nova forma de chamar os alunos para a fila do almoço. Muitos dos alunos acharam esta metodologia interessante, uma vez que a solicitavam algumas vezes.

O domínio mais trabalhado foi os números e operações, nomeadamente as estratégias de cálculo. De acordo com o estipulado pela docente, lecionamos 4 estratégias sendo que cada uma delas foi aplica à soma e à subtração. Para alguns alunos estas tarefas não apresentavam dificuldades visto que, depois de compreender o conceito, o processo é sempre o mesmo. Contudo, creio que para os alunos que têm mais dificuldades, o ensino de muitas estratégias dificultou que se apropriassem de cada uma. Tal foi demonstrado na ficha de avaliação de final de ano onde se revelou essa dificuldade.

Tanto na decomposição como na ordenação de números, mostra-se a evolução positiva dos alunos pela análise das grelhas de registo (Anexo O).

A resolução de problemas verificou-se a capacidade transversal mais bem conseguida mas, ainda assim, 25% apresentava dificuldades.

Nesta disciplina é bastante claro as dificuldades de determinados alunos da turma, mostrando a necessidade de uma apoio mais individualizado.

6.3. Estudo do Meio

Os conteúdos trabalhados nesta disciplina foram muito distintos pelo que é desadequado comparar os resultados das fichas de avaliação, do início e do fim.

Esta é uma das disciplinas em que os alunos mostram mais facilidades não se verificando casos alarmantes de falta de conhecimento, como é observável nas grelhas de registo (Anexo P). Prova disso são os resultados da ficha de avaliação de final de ano em que apenas dois alunos tiveram resultados menos bons mas que, mesmo assim, são superiores a 60%.

6.4. Expressões Artísticas

Estas foram as disciplinas menos trabalhadas ao longo da intervenção devido a um conjunto de constrangimentos. No entanto, e apesar de não terem sido relevadas grandes evoluções por parte dos alunos, verificámos que todos eles se sentiram motivados para as atividades desenvolvidas.

Foi notável o interesse e motivação que os alunos demonstraram para a elaboração da prenda do dia da mãe e para a construção de um convite aos pais com materiais recicláveis. Apesar de não ser possível comparar as prestações dos alunos, acreditamos que esta é uma área que está em desenvolvimento e que não apresenta problemas de maior (Anexo Q).

No âmbito da Expressão e Educação Musical, a maior evolução foi no domínio do ritmo uma vez que foi bastante trabalhado com a canção que foi apresentada aos pais no projeto “Todos pela Água” (Anexo R). O entusiasmo foi claro e demonstrado pelos alunos que queriam ficar na sala, a cantar e ensaiar, em vez de irem para o recreio.

A Expressão e Educação Dramática foi a menos trabalhada e como tal, verifica-se a pouca evolução dos alunos nas grelhas de registo (Anexo S).

6.5. Expressão e Educação Físico-Motora

No âmbito desta disciplina foi notável a evolução dos alunos. Durante a observação apenas nos foi possível assistir a uma sessão o que não permitiu uma recolha de dados muito vasta.

Após a implementação de uma unidade didática composta por 4 sessões estruturadas e desenvolvidas no sentido de adquirir um conjunto de habilidades motoras do bloco de Deslocamentos e Equilíbrios e do de Jogos, verificámos que os alunos cumpriram com a maioria dos nossos objetivos para cada sessão.

Ao longo das sessões foi visível a adaptação que os alunos realizaram às regras de funcionamento do ginásio e à dinâmica de trabalho realizada neste espaço. Tal é mostrado nas grelhas de registo em que se verifica a quase ausência de não cumprimento dos indicadores previstos (Anexo T). Esta era uma das nossas metas uma vez que estava relacionado com o nosso objetivo geral relacionado com a cooperação.

6.6. Competências Sociais

As competências sociais desenvolvidas nos alunos permitiram uma melhoria nos seguintes aspetos: pontualidade; participação de forma adequada; respeito pelas opiniões dos colegas; aceitação das decisões coletivas; e execução das tarefas de aula.

Estes aspetos são realçados pela análise das grelhas de registo que foram preenchidas ao longo da intervenção e que dão conta da evolução dos alunos nestes aspetos (Anexo U).

Apesar de ter sido uma pequena intervenção na vida dos alunos, acreditamos que provocamos alguma mudança e que consciencializamos alguns membros da turma para a importância das suas atitudes face aos colegas e aos adultos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão, enquanto meio para avaliação, irá servir o propósito de rever toda a ação desenvolvida durante a prática de forma a tornar todo o processo vivenciado numa experiência situada e para que traga vantagens para intervenções futuras junto de outros alunos.

Ao longo da intervenção foram feitas várias reflexões sobre as atividades, as estratégias bem como as formas de ação. Estas constituíram uma base fundamental para fazer adaptações que nos pareceram cruciais a fim de tornar o processo cada vez mais interessante e adequado ao grupo de alunos e às suas características. Isto permitiu adequar a nossa postura às características do grupo de alunos já que fomos consolidando as informações recolhidas.

Este estágio foi muito importante para a minha formação. Foi uma experiência gratificante e com a qual aprendi imenso. Nunca tinha vivenciado a experiência de sala de aula de com um 1.º ano de escolaridade e o ensino da leitura e da escrita sempre foi um conteúdo que me pareceu difícil de trabalhar e de desenvolver junto dos alunos. O grupo de alunos era bastante interessado e dinâmico pelo que pudemos experienciar um conjunto de novas aprendizagens e verificar que todos os receios para esta prática eram facilmente colmatados.

O enriquecimento pessoal e profissional é feito com base em todas as experiências pelas quais passamos. Esta prática foi uma dessas experiências.

O estudo desenvolvido sobre o envolvimento das famílias trouxe-me bastante satisfação ao ver que é possível esta dinâmica e que ela é potencializadora de um enorme contributo para as aprendizagens dos alunos. Apesar de, no curto espaço de tempo que durou este estágio, não ser possível verificar se os alunos aprendem mais e melhor neste contexto, acredito que o envolvimento das famílias é crucial. Assim, e vendo a disponibilidades destes pais para esta dimensão do ensino, creio que estes alunos terão, ao longo do seu percurso escolar, um apoio incondicional das famílias o que determinará o sucesso destas crianças.

Torna-se ainda pertinente referir que estou conscientes das limitações deste estudo e que muito mais poderia ter sido feito. No entanto, devido a todo um conjunto de situações, este foi o melhor resultado que se pode alcançar e que, apesar de ser uma pequena amostra do que pode ser feito, tem a sua validade.

Seria, por exemplo, interessante, com base nas informações recolhidas no questionário, fazer alterações no próximo ano letivo por forma a melhorar esta relação.

No fim desta jornada, importa então refletir sobre todo o processo e sobre a sua importância na minha vida futura.

Após a conclusão da Licenciatura em Educação de Infância (pré-bolonha) decidi aventurar-me novamente pelos corredores da ESE e levar a minha formação a um outro patamar.

Continuo confiante de que sou educadora acima de tudo. É idade que mais me fascina, são as crianças que mais nos impressionam e nos arrancam sorrisos quando menos esperamos.

Esta segunda fase da minha formação, processo que durou 4 anos letivos, começou por ser uma tentativa de compreender melhor os ciclos de ensino seguintes a fim de me tornar uma melhor educadora, capaz de preparar com toda a adequação possível, os alunos para esta nova etapa. Conhecer a nova etapa via-se como fundamental para esta tarefa. Além disso, e devido à minha atividade profissional durante os últimos 6 anos levou-me a contactar com crianças mais velhas e que, na altura, frequentavam o 1.º e o 2.º ciclo. Este foi também um factor determinante na decisão em começar esta nova formação.

Apesar da tendência natural que tenho para o jardim de infância, valência da minha eleição, acredito que todo o percurso realizado e vivenciado neste mestrado me tornou também uma professora de 1.º e 2.º ciclo, capaz de conduzir os alunos ao sucesso.

Confesso que a experiência em 2.º ciclo me assustava. São alunos mais velhos, iríamos lecionar quatro disciplinas em simultâneo, alguns dos conteúdos eu não dominava por completo e tinha receio de não conseguir alcançar as metas definidas.

Apesar de tudo, de todos os constrangimentos, de todas as angústias, de todos os medos, tudo foi superado e sinto-me agora confiante do percurso que desenvolvi.

Constatai mais uma vez que, como professores nós damos muito de nós às crianças mas conseqüentemente também recebemos muito em troca. Ao longo da minha vida profissional espero sempre aprender através do contato com os alunos, sempre diferentes, e através das relações estabelecidas com os colegas de trabalho, com os pais e com a comunidade envolvente.

Creio que o mais importante como professores é termos sempre em mente que temos um papel fundamental na formação pessoal e social das crianças e que, como tal, é nosso dever aprofundar os nossos conhecimentos ao longo do tempo e ter sempre a mente aberta para reformular a nossa conduta, se for para melhor.

No âmbito do estudo levado a cabo, comprovei assim a minha convicção de que o envolvimento das famílias é pertinente e significativo e que nós temos muito para dar às famílias, mas têm elas podem contribuir para a nossa profissão dando pistas sobre o que consideram mais significativo e interessante para os seus filhos.

Assim, e tanto em conta que hoje em dia, se espera que a escola e o professor desempenhem um alargado número de funções, não nos podemos esquecer de toda a comunidade escolar e de tudo com o qual ela pode fazer evoluir a nossa profissão. A escola assume-se, deste modo, como um lugar de práticas não só escolares mas também sociais.

É necessário combater o hábito de inércia tanto das famílias como dos professores (Matos, 1994) e certificar-se que os docentes, não habituados a ver os pais na escola, iniciam estratégias que visem essa participação ao mesmo tempo que os pais se envolvam e reclamem o seu papel interventivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agrupamento de Escolas da Cidade (2014). *Regulamento Interno*. Lisboa.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Espanha: McGraw-Hill Interamericana de Espanha.
- Bhering, E. (2003). Percepções de pais e professores sobre o envolvimento dos pais na educação infantil e ensino fundamental. *Contrapontos* - volume 3 - n. 3 - p. 483-510.
- Boavida, A., Paiva, A., Cebola, G., Vale, I. & Pimentel, T. (2008). *A Experiência Matemática no Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Caeiro, T. (2005). Abertura. In *Seminário Educação e Família* (pp. 21-24). Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Carvalho, L., Reis, A., Fernandes, E., Morais, I. Campos, J., Cruz, L. (2000). *A parceria entre a escola, a família e a comunidade: Estratégia de envolvimento parental*. Lisboa: Departamento de Avaliação e Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação.
- Costa, M. (2003). *Gestão de conflitos na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Cunha, P. (2001). *Conflito e negociação*. Porto: Edições ASA.
- Ministério da Educação (2004) *Organização Curricular e Programas – Ensino Básico, 1º Ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento de Educação Básica.
- Ministério da Educação (2007). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica.
- Davies, D., Fernandes, J., Soares, J., Lourenço, L., Costa, L., Villas-Boas, M., ... & Lima, R. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal realidade e perspetivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Davies, D., Marques, R., & Silva, P. (1993). *Os Professores e as Famílias: a colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Edwards, C., Gandini, L. & Forman, G. (1999). *As Cem Linguagens da Criança*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Formosinho, J. (1998). *Educação para Todos: o ensino primário, de ciclo único do ensino básico a ciclo intermédio da Educação Básica, n.º 23*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Grave-Resendes, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Guerra, M. (2000). *A escola que aprende*. Lisboa: ASA Editores.
- Guerra, I. (2008). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Cascais: Príncipia.
- Homem, M. (2002). *O jardim de infância e a família: as fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Censos – V Recenseamento Geral da População*. Lisboa.
- Leite, C. (2003). *Para uma escola curricularmente inteligente*. Porto: Edições ASA.
- Lima, J. (2002). *Pais e Professores, um desafio à cooperação*. Porto: Edições Asa.
- Lima, L. (2001). *A escola como organização educativa*. São Paulo: Cortez Editora
- Marques, R. (1993). *A Escola e os Pais – Como Colaborar?* Lisboa: Texto Editores.
- Matos, A. (1994). A Escola nas suas relações com os pais. In A. Matos & J. Pires (1994). *Escola, pais e comunidade: construção de comunidades de interesse. Cadernos Profissionais*, n.º 2. Porto: Publicações Politeama,.
- Montandon, C., & Perrenoud, P. (2001). *Entre pais e professores, um diálogo impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*. Oeiras: Celta.
- Moreira, M. & Masini, E. (2006). *Aprendizagem significativa. A teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes.
- Neves, D. & Oliveira, V. (2001). *Sobre o Texto: Contribuições Teóricas para Práticas Textuais*. Porto: Edições Asa

- Nóvoa, A. (1992). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote.
- Oliveira-Formosinho J.; Lino, D. & Niza, S. (2008). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora.
- Pelizzari, A.; Kriegl, M.; Baron, M. P.; Fink, N. & Dorocinski, S. (2002). Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. *Rev. PEC*, v.2, n.1, p.37-42.
- Pinto, C. (2006). *Sociologia da escola*. Amadora: McGraw-Hill.
- Ponte, J. P. e Serrazina, L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sampaio, D. (2007). *Voltei à escola*. Lisboa: Caminho
- Silva, P. (2002). Escola – Família: tensões e potencialidades de uma relação. In J. A. Lima, (org.) *Pais e professores – um desafio à cooperação*. Porto: Edições Asa.
- Silva, P. (2003). *Escola-Família, uma relação armadilhada – Interculturalidade e relações de poder*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Silva, P. (2010). Análise sociológica da relação escola-família. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, pág. 443-464.
- Sim-Sim, I. (2009). *O Ensino da Leitura: A Decifração*. Lisboa: Ministério da Educação/Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Lidel.
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (2001). *Psicologia Educacional – Uma Abordagem Desenvolvimentista*. Amadora: McGraw – Hill.
- Vieira, M. (2006) Em torno da família e da escola: pertinência científica, invisibilidade social. *Interações*, 2, pp. 291-305

Legislação:

Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º46/86, de 14 de outubro

Decreto-Lei nº 137/2012 de 2 de junho

ANEXOS

Anexo A. Horário da turma

Tabela A1

Horário da turma

	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9h00 11h00	Português	Matemática	Estudo do Meio	Português	Matemática
11h00 - 11h30	Intervalo				
11h30 13h00	Estudo do Meio	Português	Matemática	Apoio ao Estudo	Português
13h00 - 14h30	Almoço				
14h 30 16h 00	Matemática	Expressões	Mat. 30m Oferta Compl.	Português 1h Mat. 30m	Expressões
16h00 - 16h 30	Intervalo		Componente de Estabelecimento	Intervalo	
16h30 18h00					

Port	Mat	Est M	Apoio Est	Exp	Of Compl / Area Proj
8h00	8h00	3h30	1h30	3h00	1h00
25 horas					

Nota. Facultado pela PC.

Anexo B. Diagnósticos da turma a partir da observação

Tabela B1

Grelha de registo das observações das Competências Sociais

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Martide	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Contribui para tarefas comuns	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Participa de forma adequada	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade
Respeita as opiniões dos colegas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Não
Aceita as decisões coletivas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Não
É pontual	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
É assíduo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Tem os materiais necessários	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade
Executa os trabalhos na aula	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade
Executa de trabalhos de casa	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Está atento nas aulas	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade
Executa as tarefas no tempo previsto	Com dificuldade	Sim	Sim	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Sim	Sim	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade	Com dificuldade
Cumpre o regulamento interno	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Legenda: Sim Com dificuldade Não Não observável

Nota. A autoria própria.

Tabela B2

Grelha de registo das observações de Português

Indicadores/Crianças		Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Compreensão do oral	Cumprer ordens																									
	Reconta pequenas histórias																									
	Responde a perguntas simples sobre um texto ouvido																									
	Reproduz através do desenho o essencial de um texto ouvido																									
Expressão oral	Articula corretamente os sons da língua																									
	Utiliza vocabulário adequado																									
	Organiza corretamente as frases																									
	Adequa o discurso à finalidade comunicativa (fala a propósito)																									
	Pede a palavra																									
	Respeita o tempo de fala dos colegas																									
Leitura	Articula corretamente os sons da língua																									
	Identifica as letras																									
	Estabelece as correspondências fonema/grafema																									
	Lê palavras conhecidas																									

Tabela B3

Grelha de registo das observações de Matemática

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Números e Operações																									
Realiza contagens progressivas até 39	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza contagens regressivas a partir do 39	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Decompõe os números	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Ordena os números	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Utiliza os símbolos <, > e =	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Representa números na reta numérica	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza somas utilizando o colar de contas ou a reta numérica	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza somas utilizando a decomposição dos números	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo
OTD																									
Classifica dados utilizando diagramas de Venn	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde
Geometria e Medida																									
Distingue faces planas de curvas num sólido geométrico	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica alguns sólidos geométricos	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Capacidades transversais	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Legenda:	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

Nota. Autoria própria.

Tabela B4

Grelha de registo das observações de Estudo do Meio

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Representa esquematicamente o ciclo de vida de alguns animais	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde
Identifica atitudes corretas e incorretas para com animais	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica as estações do ano	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Conhece a sequência das estações do ano	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Legenda:	Sim		Verde	Com dificuldade				Amarelo	Não				Verde	Não observável				Amarelo							

Tabela B5

Grelha de registo das observações de Expressão e Educação Plástica

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Explora as possibilidades técnicas do lápis de cor	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Explora as capacidades técnicas de esponjas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Explora as possibilidades de diferentes materiais	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde
Faz composições colando	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde
Legenda:	Sim		Verde	Com dificuldade				Amarelo	Não				Verde	Não observável				Amarelo							

Nota. Autoria própria.

Tabela B 6

Grelha de registo das observações de Expressão e Educação Musical

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Jogos de exploração – voz																									
Canta com afinação																									
Segue o ritmo da canção																									
Segue o andamento da canção																									
Canta com uma intensidade adequada																									
Reproduz pequenas melodias																									
Legenda:	Sim			Com dificuldade					Não				Não observável												

Tabela B7

Grelha de registo das observações de Expressão e Educação Dramática

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Realiza movimentos corporais capazes de caracterizar a sua personagem																									
Explora a altura, velocidade e entoação da voz																									
Improvisa atitudes e gestos																									
Mima a sua personagem																									

Nota. Autoria própria.

Tabela B8

Grelha de registo das observações de Expressão e Educação Físico-Motora

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Passa a bola com precisão																									
Recebe a bola com as duas mãos																									
Corre para a frente																									
Corre para trás																									
Salta ao pé-coxinho																									
Cumpre as regras do jogo																									
Colabora com os colegas de equipa																									
Legenda:	Sim																								

Nota. Autoria própria.

Anexo C. Resultados das fichas de avaliação sumativa

Tabela C 1

Grelha de registo dos resultados da ficha de avaliação sumativa de Português

Indicadores/Criança	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Lê corretamente	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde
Tem uma caligrafia cuidada	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Faz a correspondência entre a letra de imprensa e a manuscrita	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Sabe as regras de translineação	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Responde corretamente às perguntas de interpretação	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Separa as palavras em sílabas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica as sílabas tónicas de uma palavra	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Coloca a frase na negativa	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Completa textos com lacunas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Ordena palavras para formar frases	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Flexiona palavras no plural	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Legenda imagens com correção ortográfica	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Escreve frases de acordo com as imagens dadas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Escreve com correção	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

O Envolvimento das Famílias nas Atividades de Sala de Aula de 1º Ciclo

Decompõe o número 30	Red	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green	Red	Yellow	Red	Yellow	Green	Green	Yellow	Green	Green
Identifica os amigos do 10	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green
Calcula mentalmente utilizando a estratégia de soma de n ^{os} iguais	Red	Green	Green	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Yellow	Yellow	Green	Green	Green	Green
Realiza somas	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green
Aplica corretamente a decomposição em árvore	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Red	Yellow	Green	Yellow	Green	Green	Green
Aplica corretamente a decomposição horizontal	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Red	Yellow	Green	Yellow	Green	Green	Green
Distingue superfícies planas de curvas	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green	Green
Preenche diagramas de Venn corretamente	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green
Utiliza a reta numérica de forma adequada para realizar calculos	Red	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Red	Green	Green	Yellow	Green	Green	Green	Green	Green
Legenda:	Sim	Green	Com dificuldade	Yellow	Não	Red																			

Nota. Autoria própria.

Tabela C3

Grelha de registo dos resultados da ficha de avaliação sumativa de Estudo do Meio

Indicadores/Criança	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Identifica instrumentos utilizados por cada profissão	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica na árvore genealógica os seus elementos	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo
Estabelece correspondência entre objetos e espaços	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Distingue as profissões existentes na escola	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica atitudes sociais erradas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Distingue plantas de animais	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Distingue os locais de locomoção de animais	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica as formas de revestimento dos animais	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica animais domésticos	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica os constituintes das plantas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Identifica atitudes sociais incorretas para com animais	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Legenda:	Sim	Verde		Com dificuldade	Amarelo				Não	Verde															

Nota. Autoria própria.

Anexo D. Guião da entrevista à docente

Guião da entrevista à docente

Entrevistado: _____.

Data: _____; Hora: das _____ às _____; Local: _____.

No âmbito de um estudo integrado no relatório da Prática Pedagógica Supervisionada do Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclo do Ensino Básico, pretende-se conhecer as conceções dos docentes sobre o envolvimento dos pais e encarregados de educação nas atividades escolares, em particular no âmbito do 1.º ciclo do ensino básico.

Objetivos gerais da entrevista:

- Conhecer as perceções dos professores titulares de turma sobre o envolvimento das famílias na vida da escola;
- Conhecer as práticas de envolvimento dos pais e encarregados de educação e os processos de articulação/cooperação existentes entre os professores e as famílias.

Blocos de Informação	Objetivos	Formulário de Questões
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Apresentar os objetivos da entrevista.- Agradecer a colaboração.- Garantir o anonimato da entrevistada.- Solicitar autorização para gravar a entrevista.	
Experiência profissional da docente	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o perfil profissional do entrevistado.	Fale-nos um pouco sobre a sua experiência profissional.
Caraterização da turma		Considera as caraterísticas das famílias um aspeto a ter em conta na influência sobre essas caraterísticas?
Envolvimento das famílias	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer a perceção do entrevistado sobre o envolvimento das famílias nas atividades escolares.Conhecer as expetativas do entrevistado sobre o envolvimento das famílias nas atividades escolares.Conhecer as expetativas do entrevistado sobre os	<p>Qual a sua opinião sobre a participação dos pais e EE na vida da escola? Considera essa participação relevante? Qual a sua perceção acerca da participação das famílias no agrupamento de escolas e, concretamente, neste estabelecimento? Que relevância atribui à participação dos pais nas atividades da turma? Como considera que deveria ser o envolvimento das famílias na vida escolar dos seus educandos?</p>

	<p>processos de cooperação entre as famílias e os professores.</p> <p>Conhecer as estratégias...</p> <p>Conhecer as experiências de envolvimento das famílias vivenciadas no contexto da turma.</p>	<p>E a cooperação com os professores?</p> <p>Quais considera ser os principais entraves a esse envolvimento e essa cooperação?</p> <p>Em que momentos, ou atividades, é que considera que esse envolvimento é necessário ou pertinente?</p> <p>Quais as estratégias que considera mais adequadas para promover esse envolvimento?</p> <p>Partindo da sua experiência atual, como é que se concretizam o envolvimento das famílias e os processos de cooperação?</p> <ul style="list-style-type: none">• Ex: reuniões, eventos, atividades letivas, planificação, avaliação...?
Síntese e agradecimentos		Gostaria de acrescentar algo mais ao que foi dito?

Anexo E. Respostas à entrevista

Respostas à entrevista

Entrevistado: Docente responsável pela turma de alunos durante a PES II.

Data: 11 de maio de 2014; Hora: das 14h00 às 14h30; Local: Sala de aula.

Antes de dar início à entrevista foram cumpridos os seguintes objetivos:

- Apresentar os objetivos da entrevista.
- Agradecer a colaboração.
- Garantir o anonimato da entrevistada.
- Solicitar autorização para gravar a entrevista.

Entrevistador: Fale-nos um pouco sobre a sua experiência profissional.

Docente: Trabalho há cerca de 14 anos. Tenho sido colocada em escolas pertencentes ao concelho de Lisboa. Só o ano passado é que trabalhei numa escola na margem sul, que é onde moro. A minha experiência é toda em 1º ciclo, tendo lecionado já em todos os anos de escolaridade.

E: Considera as características das famílias um aspeto a ter em conta na influência sobre as características dos alunos?

D: Sem dúvida

E: Qual a sua opinião sobre a participação dos pais e EE na vida da escola?

D: Penso que é uma mais valia para o processo ensino-aprendizagem.

E: Considera essa participação relevante?

D: Como já referi anteriormente, sim. É importante que os pais não só se enterem da vida escolar dos seus educandos mas também que tenham uma participação ativa na mesma.

E: Qual a sua perceção acerca da participação das famílias no agrupamento de escolas e, concretamente, neste estabelecimento?

D: Apenas estou cá este ano mas parece-me muito ativa até porque a escola tem uma Associação de Pais que dinamiza, em conjunto com a escola e corpo docente, várias atividades.

Por exemplo, a festa de encerramento do 1º período e neste momento, também, a festa de encerramento do ano letivo.

E: Que relevância atribui à participação dos pais nas atividades da turma?

D: Considero muito importante esta participação e este envolvimento. Os alunos têm de sentir que os pais se interessam, se preocupam.

E: Como considera que deveria ser o envolvimento das famílias na vida escolar dos seus educandos?

D: O ideal era que os pais, para além de se mostrarem interessados pelas aprendizagens dos seus filhos, também se envolvessem nas atividades desenvolvidas pela escola e na turma.

E: E a cooperação com os professores?

D: No meu caso a colaboração tem sido muito boa.

E: Quais considera ser os principais entraves a esse envolvimento e essa cooperação?

D: A falta de tempo, de interesse. O mau relacionamento entre professores e encarregados de educação. A falta de abertura...

E: Em que momentos, ou atividades, é que considera que esse envolvimento é necessário ou pertinente?

D: Nas reuniões é essencial a presença dos pais. Quando são solicitados para alguma atividade. No apoio aos trabalhos de casa e ao estudo.

E: Quais as estratégias que considera mais adequadas para promover esse envolvimento?

D: Estabelecer um bom relacionamento com os encarregados de educação. Mostrar abertura para a partilha de ideias. Pedir a sua colaboração e o seu envolvimento nas atividades e projetos desenvolvidos na sala.

E: Partindo da sua experiência atual, como é que se concretizam o envolvimento das famílias e os processos de cooperação?

D: Não percebi.

E: Por exemplo, reuniões, eventos, atividades letivas, planificação, avaliação...?

D: Sim. Através de atividades, projetos, reuniões....

E: Gostaria de acrescentar algo mais ao que foi dito?

D: Sim. Gostaria de referir que este ano desenvolvi o projeto “Eu trabalho com a minha família” que tem como principal objetivo envolver mais os pais no processo ensino-aprendizagem. Posso dizer que os pais tem-se revelado muito interessados e participativos.

Anexo F. Questionário aos pais

Questionário aos pais

No âmbito de um estudo integrado no Relatório da Prática Pedagógica Supervisionada do Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo do Ensino Básico, pretende-se, no âmbito do 1.º Ciclo do Ensino Básico:

- Conhecer as perceções dos pais e encarregados de educação sobre o envolvimento das famílias na vida escolar dos seus educandos.
- Conhecer as práticas de envolvimento dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos e as dimensões desse envolvimento que mais valorizam.

É garantido o anonimato em todo o processo sendo que em nenhum momento será identificado o nome da escola, da professora, dos alunos ou dos pais e encarregados de educação.

Caracterização do entrevistado

Grau de parentesco com o aluno _____ Sexo: F__ M__ Idade: _____

Habilitações Académicas: _____ Profissão: _____

Participação da vida da Escola e do Agrupamento

	Sim	Não
1. Faz parte (ou já fez parte) dos órgãos sociais de uma Associação de Pais e Encarregados de Educação?		
2. É membro (ou já foi membro) de órgãos de gestão do Agrupamento de Escolas?		

O Envolvimento das Famílias nas Atividades de Sala de Aula de 1º Ciclo

	Sempre	Frequente mente	Raramente	Nunca	Não sabe
3. Com que frequência participa em eventos promovidos por Associações de Pais e encarregados de educação?					
4. Com que frequência participa em eventos promovidos pela escola ou pelo Agrupamento de Escolas?					
5. Com que frequência participa em eventos promovidos pelo professor do seu educando?					

Conceções sobre o envolvimento

	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe
6. Que grau de importância atribui à participação dos pais na vida da escola frequentada pelo seu educando?					
7. Que grau de importância atribui à participação dos pais nas atividades da turma a que o seu educando pertence?					

8. Que grau de importância atribui à colaboração dos pais nos seguintes aspetos:	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe
• Construção do plano de turma.					
• Estabelecimento de prioridades curriculares.					
• Definição de orientações pedagógicas.					
• Planificação de atividades a desenvolver na turma.					
• Desenvolvimento de atividades específicas em sala de aula.					
• Partilha de experiências e competências profissionais no âmbito das atividades da turma.					

• Redação de um jornal de turma.					
• Blogues ou redes sociais de acesso restrito ao professor, pais e alunos.					
• Visitas de estudo.					
• Vigilância dos recreios.					
• Acompanhamento durante as refeições dos alunos.					
• Realização de atividades com o educando, em casa, propostas pela professora.					
• Acompanhamento da realização de “trabalhos de casa”.					
• Participação nas reuniões de pais.					
• Representação dos pais da turma.					

9. Quanto aos processos de comunicação entre o professor e os pais, indique os três que considera mais relevantes.
• Comunicação através da caderneta do aluno.
• Comunicação através de e-mail.
• Partilha de experiências vividas na sala de aula em blogues ou redes sociais de acesso restrito.
• Reuniões individuais periódicas.
• Reuniões do professor com todos os pais da turma.
• Atendimento aos pais à hora de entrada e saída das atividades letivas.
• Atendimento aos pais nos períodos de intervalo nas atividades letivas.
• Informações disponíveis em placards, dirigidas aos pais.

O Envolvimento das Famílias nas Atividades de Sala de Aula de 1º Ciclo

10. Em que medida é que considera que o envolvimento dos pais pode contribuir para a melhoria dos seguintes aspetos:	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe
• Empenho dos alunos					
• Empenho dos pais					
• Empenho dos professores					
• Resultados escolares dos alunos					
• Comportamento dos alunos					
• Conhecimento dos professores por parte das famílias					
• Conhecimento das famílias por parte dos professores					
• Conhecimento dos conteúdos curriculares.					

11. O que considera relevante nas reuniões de pais (p.f. indique apenas três opções)?
• Conhecer o trabalho desenvolvido pelos alunos
• Conhecer os conteúdos programáticos trabalhados
• Partilhar ideias e experiências com os professores
• Partilhar ideias e experiências com os outros pais
• Colaborar na construção dos planos e materiais
• Conhecer a avaliação do seu educando
• Conhecer a apreciação do professor titular de turma sobre o comportamento do seu educando.

12. O que considera mais relevante na ajuda aos trabalhos de casa?	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe
• Conhecer os conteúdos que estão a ser trabalhados					

• Envolver-se no processo ensino-aprendizagem					
• Partilhar uma rotina com os educandos					

Práticas de Participação

13. Identifique o seu grau de participação nas diferentes atividades	Sempre	Muitas vezes	Raramente	Nunca
• Reuniões de pais e encarregados de educação				
• Trabalhos de casa				
• Trabalhos solicitados pelo professor titular de turma				
• Propostas de trabalhos ou recursos da sua iniciativa				
• Acompanhamento do desenvolvimento de trabalhos e projetos de média ou longa duração.				

14. Quando não participa nas reuniões de pais, é porque:
• O horário de trabalho não permite
• Não se sente acolhido na reunião
• Não sente privacidade na reunião
• Não se sente capaz de intervir publicamente
• Não gosta de participar
• Os assuntos tratados não são pertinentes
• Outra. Qual? _____

15. Quando não ajuda o seu filho nos trabalhos de casa, é porque:
• Não tem tempo
• Não se sente capaz academicamente
• Considera que têm de ser feitos apenas pelo aluno
• Considera o trabalho de casa desnecessário
• Outra. Qual? _____

16. Quando não participa em outras atividades solicitadas pela professora, é porque:
• Não tem tempo
• Não se sente capaz academicamente
• Considera este trabalho desnecessário
• Não sou solicitado
• Outra. Qual? _____

Trabalho Desenvolvido pelas Estagiárias

17. Que importância atribui às atividades desenvolvidas pelas estagiárias na promoção da participação dos pais.	Muito Importante	Importante	Pouco importante	Irrelevante	Não sabe
• Trabalhos de casa.					
• Livro de receitas (prenda do dia da mãe).					
• Guiões de leitura de livros infantis.					
• Rotina “Leva-me para casa”.					
• Apresentação das profissões dos pais aos alunos					

O Envolvimento das Famílias nas Atividades de Sala de Aula de 1º Ciclo

18. Indique qual o grau de participação nas atividades promovidas e desenvolvidas pelas estagiárias.	Elevado	Razoável	Reduzido	Nenhum	Não sabe
• Trabalhos de casa.					
• Livro de receitas (prenda do dia da mãe).					
• Guiões de leitura de livros infantis.					
• Rotina “Leva-me para casa”.					
• Apresentação das profissões dos pais aos alunos					

19. Que apreciação faz sobre o trabalho desenvolvido?	Excelente	Muito bom	Bom	Suficiente	Não sabe
• Trabalho realizado na sala de aula					
• Trabalhos de casa.					
• Outros trabalhos solicitados					
• Adequação dos materiais selecionados					
• Satisfação dos alunos sobre o processo					
• Comportamento dos alunos					

20. Neste espaço poderá referir, de forma livre, tudo o que achar pertinente.

Anexo G. Respostas ao questionário

Respostas ao questionário

Caracterização dos Participantes

Relação de Parentesco	
Mãe	9
Pai	2

Idades	
Entre 30 e 40 anos	6
Mais de 40 anos	5

Habilitações Académicas	
11.º ano	1
Bacharelato	1
Frequência da Licenciatura	1
Licenciatura	6
Licenciatura e Pós graduação	1
Mestrado	1

Profissões	
Juíza	1
Psicóloga	1
Técnica Superior de Turismo	1
Desempregada	1
Contabilista	1
Técnica Superior de Segurança no Trabalho	1
Gestora	1
Cabeleireira	1
Secretária Clínica	1
Consultor	1
Delegada de Informação Médica	1

Participação da vida da Escola e do Agrupamento

	Sim	Não
1. Faz parte (ou já fez parte) dos órgãos sociais de uma Associação de Pais e Encarregados de Educação?	3	8
2. É membro (ou já foi membro) de órgãos de gestão do Agrupamento de Escolas?	0	11

O Envolvimento das Famílias nas Atividades de Sala de Aula de 1º Ciclo

	Sempre	Frequente mente	Raramente	Nunca	Não sabe	Não Responde
3. Com que frequência participa em eventos promovidos por Associações de Pais e encarregados de educação?	1	6	3	0	0	1
4. Com que frequência participa em eventos promovidos pela escola ou pelo Agrupamento de Escolas?	1	8	1	0	0	1
5. Com que frequência participa em eventos promovidos pelo professor do seu educando?	5	5	1	0	0	0

Conceções sobre o envolvimento

	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe	Não Responde
6. Que grau de importância atribui à participação dos pais na vida da escola frequentada pelo seu educando?	9	2	0	0	0	0
7. Que grau de importância atribui à participação dos pais nas atividades da turma a que o seu educando pertence?	9	1	1	0	0	0

8. Que grau de importância atribui à colaboração dos pais nos seguintes aspetos:	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe	Não Responde
· Construção do plano de turma.	0	3	6	2	0	0
· Estabelecimento de prioridades curriculares.	0	3	6	2	0	0
· Definição de orientações pedagógicas.	1	2	4	3	0	1
· Planificação de atividades a desenvolver na turma.	2	4	5	0	0	0
· Desenvolvimento de atividades específicas em sala de aula.	2	4	3	2	0	0
· Partilha de experiências e competências profissionais no âmbito das atividades da turma.	4	5	2	0	0	0
· Redação de um jornal de turma.	2	4	4	1	0	0
· Blogues ou redes sociais de acesso restrito ao professor, pais e alunos.	4	6	1	0	0	0

O Envolvimento das Famílias nas Atividades de Sala de Aula de 1º Ciclo

· Visitas de estudo.	3	5	1	1	0	1
· Vigilância dos recreios.	4	1	5	1	0	0
· Acompanhamento durante as refeições dos alunos.	4	1	5	1	0	0
· Realização de atividades com o educando, em casa, propostas pela professora.	9	1	0	1	0	0
· Acompanhamento da realização de “trabalhos de casa”.	8	3	0	0	0	0
· Participação nas reuniões de pais.	10	1	0	0	0	0
· Representação dos pais da turma.	4	6	0	1	0	0

9. Quanto aos processos de comunicação entre o professor e os pais, indique os três que considera mais relevantes.	
· Comunicação através da caderneta do aluno.	9
· Comunicação através de e-mail.	8
· Partilha de experiências vividas na sala de aula em blogues ou redes sociais de acesso restrito.	2
· Reuniões individuais periódicas.	8
· Reuniões do professor com todos os pais da turma.	4
· Atendimento aos pais à hora de entrada e saída das atividades letivas.	1
· Atendimento aos pais nos períodos de intervalo nas atividades letivas.	0
· Informações disponíveis em placards, dirigidas aos pais.	1

10. Em que medida é que considera que o envolvimento dos pais pode contribuir para a melhoria dos seguintes aspetos:	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe
· Empenho dos alunos	9	2	0	0	0
· Empenho dos pais	9	2	0	0	0
· Empenho dos professores	8	3	0	0	0
· Resultados escolares dos alunos	8	3	0	0	0
· Comportamento dos alunos	9	2	0	0	0

· Conhecimento dos professores por parte das famílias	8	3	0	0	0
· Conhecimento das famílias por parte dos professores	8	3	0	0	0
· Conhecimento dos conteúdos curriculares.	8	3	0	0	0

11. O que considera relevante nas reuniões de pais (p.f. indique apenas três opções)?	
· Conhecer o trabalho desenvolvido pelos alunos	9
· Conhecer os conteúdos programáticos trabalhados	2
· Partilhar ideias e experiências com os professores	5
· Partilhar ideias e experiências com os outros pais	1
· Colaborar na construção dos planos e materiais	0
· Conhecer a avaliação do seu educando	10
· Conhecer a apreciação do professor titular de turma sobre o comportamento do seu educando.	6

12. O que considera mais relevante na ajuda aos trabalhos de casa?	Muito Importante	Importante	Pouco Importante	Irrelevante	Não sabe
· Conhecer os conteúdos que estão a ser trabalhados	8	3	0	0	0
· Envolver-se no processo ensino-aprendizagem	8	3	0	0	0
· Partilhar uma rotina com os educandos	7	4	0	0	0

Práticas de Participação

13. Identifique o seu grau de participação nas diferentes atividades	Sempre	Muitas vezes	Raramente	Nunca	Não Responde
· Reuniões de pais e encarregados de educação	11	0	0	0	0
· Trabalhos de casa	8	3	0	0	0
· Trabalhos solicitados pelo professor titular de turma	9	2	0	0	0
· Propostas de trabalhos ou recursos da sua iniciativa	2	5	3	1	0

· Acompanhamento do desenvolvimento de trabalhos e projetos de média ou longa duração.	4	5	0	1	1
--	---	---	---	---	---

14. Quando não participa nas reuniões de pais, é porque:	
· O horário de trabalho não permite	7
· Não se sente acolhido na reunião	0
· Não sente privacidade na reunião	0
· Não se sente capaz de intervir publicamente	0
· Não gosta de participar	0
· Os assuntos tratados não são pertinentes	0
· Outra. Qual? _____	2
Não responde	2

Outros:

Vai sempre

Nunca falto

15. Quando não ajuda o seu filho nos trabalhos de casa, é porque:	
· Não tem tempo	3
· Não se sente capaz academicamente	0
· Considera que têm de ser feitos apenas pelo aluno	2
· Considera o trabalho de casa desnecessário	0
· Outra. Qual? _____	6

Outros:

Ajudo sempre

Estou fora em trabalho

Supervisiono sempre

Ainda não sei porque não ocorreu

A mãe o está a ajudar

16. Quando não participa em outras atividades solicitadas pela professora, é porque:	
· Não tem tempo	6
· Não se sente capaz academicamente	0
· Considera este trabalho desnecessário	0
· Não sou solicitado	2
· Outra. Qual? _____	3

Outros:

A mãe o faz (partilha de tarefas entre ambos os pais)

Participo sempre

Estou fora em trabalho

Trabalho Desenvolvido pelas Estagiárias

17. Que importância atribui às atividades desenvolvidas pelas estagiárias na promoção da participação dos pais.	Muito Importante	Importante	Pouco importante	Irrelevante	Não sabe	Não Responde
· Trabalhos de casa.	7	3	0	0	1	0
· Livro de receitas (prenda do dia da mãe).	6	5	0	0	0	0
· Guiões de leitura de livros infantis.	8	1	0	0	1	1
· Rotina “Leva-me para casa”.	5	4	0	0	2	0
· Apresentação das profissões dos pais aos alunos	7	3	0	0	1	0

18. Indique qual o grau de participação nas atividades promovidas e desenvolvidas pelas estagiárias.	Elevado	Razoável	Reduzido	Nenhum	Não sabe
· Trabalhos de casa.	9	2	0	0	0
· Livro de receitas (prenda do dia da mãe).	8	2	0	1	0
· Guiões de leitura de livros infantis.	8	1	0	1	1
· Rotina “Leva-me para casa”.	4	2	1	1	3
· Apresentação das profissões dos pais aos alunos	8	1	0	2	0

19. Que apreciação faz sobre o trabalho desenvolvido?	Excelente	Muito bom	Bom	Suficiente	Não sabe
· Trabalho realizado na sala de aula	4	3	2	0	2
· Trabalhos de casa.	3	4	2	0	2
· Outros trabalhos solicitados	4	3	2	0	2
· Adequação dos materiais selecionados	5	1	0	0	5
· Satisfação dos alunos sobre o processo	2	6	2	0	1
· Comportamento dos alunos	1	5	1	0	4

20. Neste espaço poderá referir, de forma livre, tudo o que achar pertinente.

Gostaria de salientar que considero muito insuficiente a informação que foi prestada aos pais sobre o trabalho desenvolvido pelas estagiárias (apenas tive um conhecimento muito superficial acerca do mesmo) e que, a meu ver, deveriam desenvolver-se outras formas de comunicação com os pais, designadamente por email.

Também gostaria de salientar que, pese embora as respostas supra, considero que a quantidade de trabalhos de casa que é exigida às crianças é excessiva. A meu ver, não deveria ser exigido a uma criança, que permanece em atividades escolares no horário das 9-17:30 horas, que ainda trabalhe ainda em casa. Para além de ser totalmente ignorada a necessidade dos pais passarem algum tempo de qualidade e de descontração com os seus filhos ao final do dia.

Finalmente ainda mencionar que os horários das atividades realizadas na escola (geralmente às 15:00 horas, nos dias úteis) exigem que os pais faltem ao seu trabalho nesses dias, o que naturalmente não estará ao alcance de todos. Questiono, pois, se não poderia a escola, pelo menos uma vez por ano, realizar uma atividade num horário mais adequado às necessidades dos pais (17:00/18:00 horas).

Obrigada.

O horário em que os pais são chamados a participar nas reuniões e outras actividades dificulta muito a participação.

Para quem está a trabalhar (como hoje, na apresentação dos trabalhos sobre a água, às 15h) é de todo impossível faltar a uma tarde inteira de trabalho para estar presente. Se não fosse possível à avó estar presente, a Leonor não teria ninguém a assistir à sua apresentação.

Esta situação perturba bastante as crianças, que não entendem a não participação dos pais num evento para elas tão importante.

No nosso caso, com 2 filhos em escolas diferente e com várias solicitações nas mesmas alturas, é muito difícil fazer esta gestão e marcar presença em todas as actividades, o que nos causa, enquanto pais, tristeza. Quando não é possível alguém da família estar presente, o objectivo destes eventos poderá ter o efeito contrário nas crianças.

Assim, e apesar de perceber que nem sempre é possível à professora, sugeria que os horários se tentassem adaptar às rotinas de quem trabalha. Por exemplo às 12h30 seria um horário mais razoável, visto colar-se à hora de almoço, ou logo às 9h. Poderiam, por exemplo, passar um questionário no início do ano lectivo, com 2 ou 3 hipóteses de horários para os pais manifestarem as suas preferências.

Resta-me desejar muito sucesso profissional para o desempenho da vossa bonita profissão, e agradecer o empenho, tempo e carinho disponibilizado à Leonor.

Anexo H. Unidade Didática de Expressão e Educação Físico-Motora

Unidade Didática de Expressão e Educação Físico-Motora

No âmbito do nosso plano e uma vez que um dos nossos objetivos se prende com o trabalho em grupo e o respeito pelo outro, pretendemos desenvolver as sessões de Expressão e Educação Físico-Motora nesse sentido. Este objetivo vai ainda ao encontro de um dos objetivos gerais do Programa do 1º ciclo no âmbito da Expressão e Educação Físico-Motora quando refere: “cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas com a turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor”. Pretendemos assim criar uma unidade didática que, através dos seus objetivos específicos e das estratégias implementadas, vise alcançar este propósito de intervenção.

Desenvolvemos assim uma unidade didática composta por 4 sessões de 1 hora cada, que tentará ajudar a cumprir com este objetivo. As nossas atividades irão privilegiar apenas dois dos blocos do programa: Deslocamentos e Equilíbrios e Jogos. Os Jogos serão aqui encarados não como algo apenas lúdico e sem relevo, mas sim como uma vertente essencial que deve “estar presente no desenvolvimento do indivíduo e intervir diretamente na respectiva socialização” sendo portanto “parte integrante da cultura e uma das características indissociáveis da sociedade” (Lança, 2009, p. 35). No que diz respeito aos Deslocamentos e Equilíbrios, é importante referir que é esta fase etária é crucial para que as crianças desenvolvam “capacidades corporais, como a atitude corporal, a coordenação dos movimentos básicos, o domínio das tensões, a orientação e estruturação do espaço, [e] o equilíbrio” (Lança, 2009, p. 83) pelo que se torna essencial a promoção de atividades que tenham este fim.

No quadro seguinte são apresentados os objetivos desta unidade bem como as estratégias a implementar e os modos de avaliação. Seguidamente é apresentada a estrutura das sessões que pretendemos aplicar, bem como as estratégias relacionadas com cada parte da sessão.

Tabela H1

Objetivos, estratégias e formas de avaliação da Unidade Didática de Expressão e Educação Físico-Motora

Objetivos	Estratégias	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Seguir uma rotina semanal; - Cumprir regras; - Realizar tarefas a pares e em grupo; - Cooperar com os colegas, respeitando-os; - Aperfeiçoar as suas habilidades motoras; 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação das regras de utilização do espaço e materiais; - Criação de um código de comunicação para paragens, transições de tarefas ou reuniões junto do professor (pandeirola, contagens); - Demonstração prévia das atividades; - Minimização dos tempos de espera para não criar distrações e comportamentos inadequados; - Interrupção das atividades aquando do não cumprimento das regras; - Implementação de uma estrutura de aula coerente; - Realização de atividades cada vez mais difíceis; - Apresentação de feedback de qualidade aos alunos de forma a colmatar as dificuldades sentidas em tempo útil; - Destaque do que é “positivo” (o que está bem feito e as atitudes correctas) para incentivar a participação adequada; - Localização do professor de forma a ver e ser visto. 	<p>Observação direta</p> <p>Grelhas de avaliação</p>

Nota. Autoria própria.

Tabela H2

Estrutura das sessões da Unidade Didática de Expressão e Educação Físico-Motora e estratégias a implementar

Estrutura	Estratégias de aula
Aquecimento/Mobilização	- Organização da turma em pares de trabalho.
Atividade Inicial	<ul style="list-style-type: none"> - “Treino” das competências para a atividade seguinte. - Atividades que necessitem da colaboração de toda a equipa para serem alcançados os objetivos; - Jogos que conduzam à formação de grupos para a atividade seguinte
Jogo estruturado	- Jogos cooperativos e competitivos;
Retorno à calma	- Organização da turma em pares de trabalho.

Nota. Autoria própria.

Anexo I. Ficheiro de Atividades



Figura I1

Ficheiro de Atividades

Nota. Autoria própria.

Tabela I1

Grelha de Registo de Avaliação do Ficheiro de Atividades

		Aluno			Adriana							
		Nível de dificuldade			1	1	1	2	2	2	3	3
Português	Leitura											
	Escrita											
	Conhecer a língua											
Matemática	Números e operações											
	Geometria											
	Medida											
	Organização de dados											
Estudo do Meio	Descoberta de si											
	Descoberta das instituições											
	Descoberta do ambiente natural											
	Descoberta dos materiais e objetos											
Jogos	Raciocínio											
	Caça-Palavras											
	Palavras cruzadas											
	Diferenças											
	Pintura											
		<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> Concluída com facilidade </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> Concluída com dificuldade </div> <div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> Não concluída </div>										

Nota. Autoria própria.

Exemplo de uma Ficha

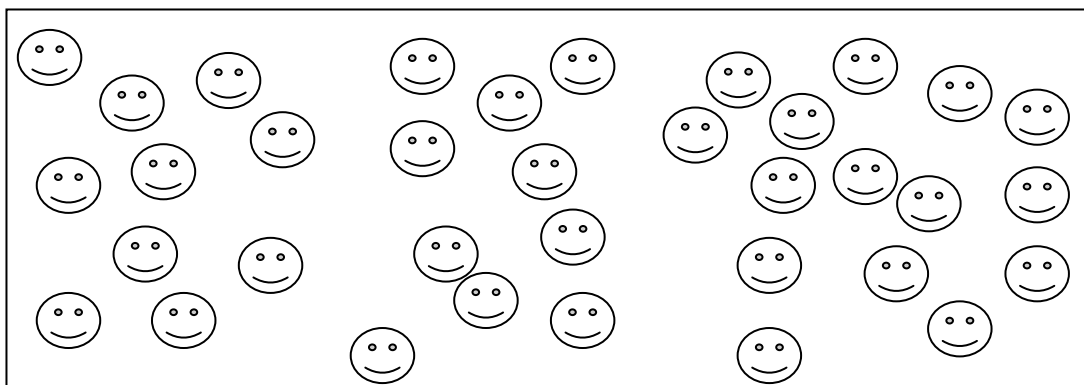
Ficheiro de Matemática

Números e Operações

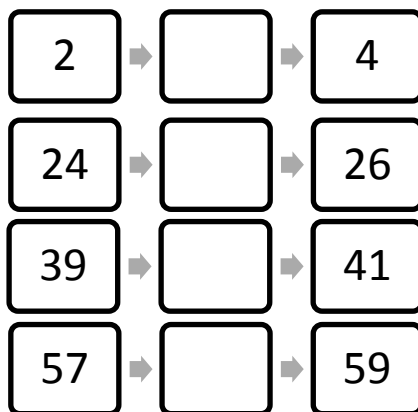
Dificuldade 1

Nome: _____ Data: ___/___/___

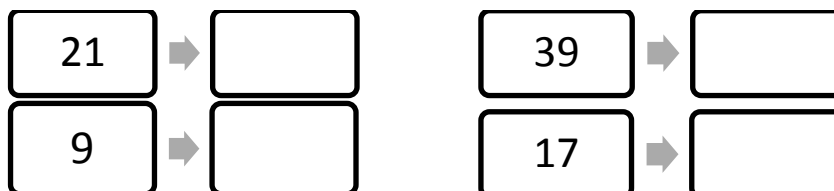
1. Faz conjuntos de 5 unidades.



2. Completa os espaços com os números que estão entre os apresentados.



3. Completa com os números seguintes.



Anexo J. Materiais Construídos

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

Figura J4

Tabela do 100

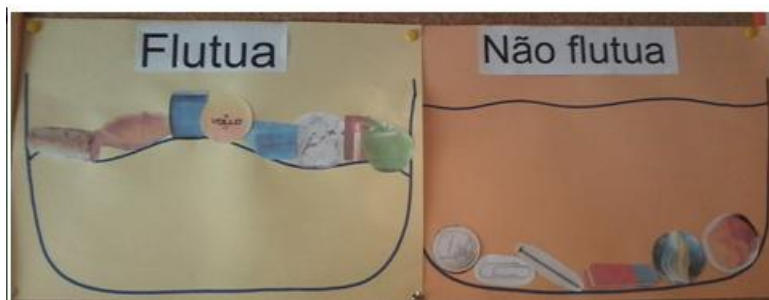


Figura J5

Flutua e Não flutua



Figura J6

Cheiros Agradáveis e Desagradáveis.

Anexo K. Grau de importância que os pais atribuem a determinados aspectos da participação

Grau de importância que os pais atribuem a determinados aspetos da participação

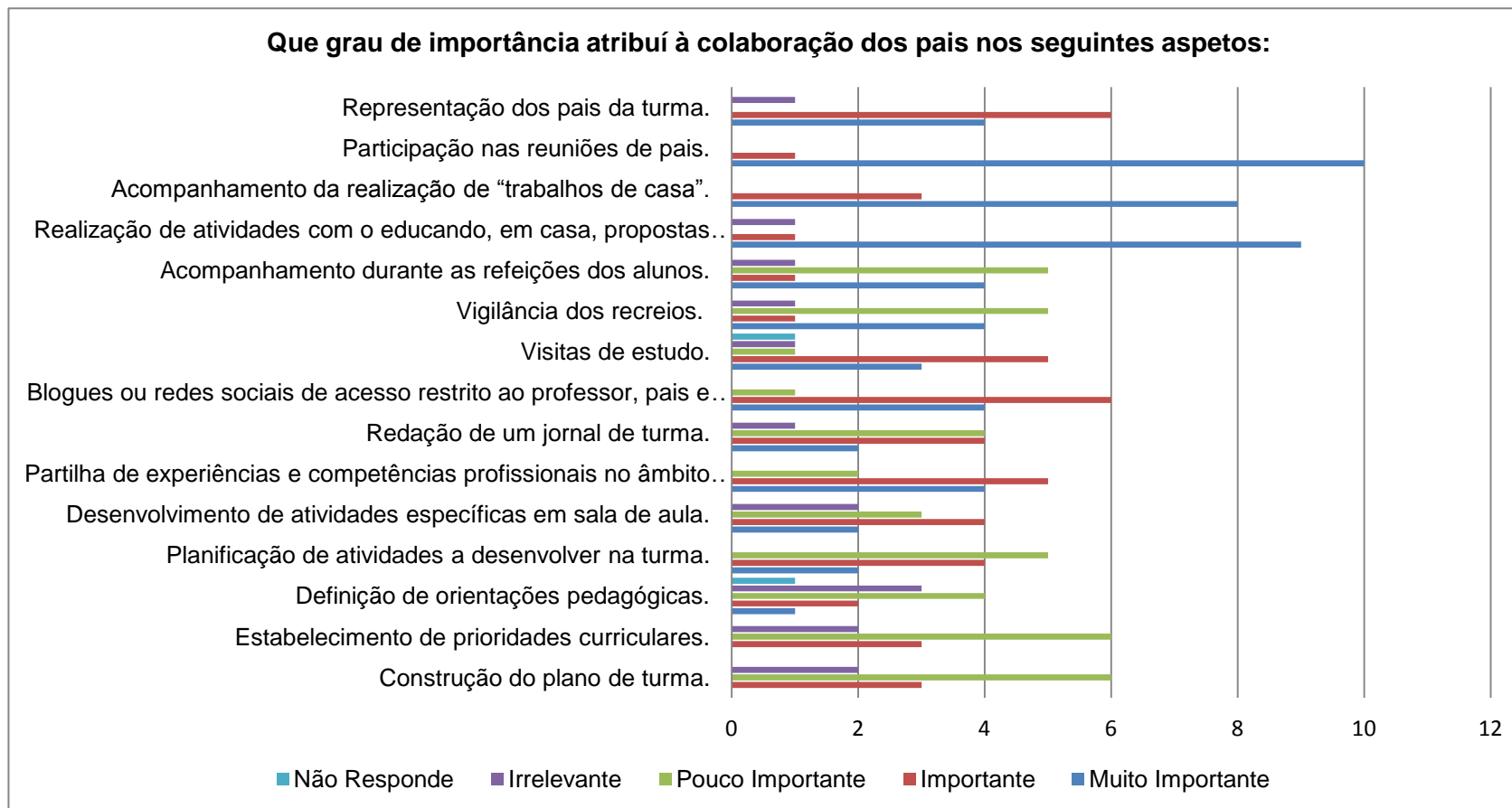


Figura K1

Grau de importância que os pais atribuem a determinados aspetos da participação.

Nota. Dados recolhidos no questionário e analisados em Excel.

Anexo L. Avaliação do Plano de Intervenção

Tabela L1

Desenvolver competências de trabalho em cooperação e de respeito pelo outro

	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco		
Tem iniciativa em participar nas atividades	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde																			Amarelo	Verde	
Participa de forma adequada e pertinente	Verde					Verde	Amarelo			Verde		Amarelo				Verde	Amarelo					Verde	Amarelo	Verde		Verde	Amarelo
Colabora com os colegas de forma interessada e autónoma													Amarelo				Verde	Amarelo				Verde	Amarelo	Verde		Verde	Amarelo
Respeita o trabalho dos colegas e as suas participações										Amarelo							Amarelo					Verde	Amarelo	Verde		Verde	Amarelo
Avalia o trabalho que desenvolveu							Amarelo			Amarelo						Amarelo	Amarelo									Verde	Amarelo
Legenda:	Sim					Com dificuldade					Amarelo		Não			Não observável				Verde		Amarelo					

Nota. Autoria própria

Tabela L2

Desenvolver competências de escrita

	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco			
Escreve frases respeitando as regras de correspondência fonema-grafema	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde

Anexo M. Avaliação da Sequência Didática

Tabela M1

Grelha de Registo dos textos descritivos (1.ª versão)

	Utiliza título	Escreve introdução	Desenvolvimento				Faz conclusão
			Enumera entre 8 a 15 os objetos presentes no quarto	Atribui pelo menos uma característica a cada objeto	Utiliza referências espaciais	Utiliza a vírgula na enumeração.	
Adriana							
Alexandra							
António							
Carolina							
Catarina							
Ciara							
Duarte							
Filipe							
Francisco							
Gonçalo							
Henrique							
Lara							
Leonor J.							
Leonor G.							
Matilde							
Pedro L.							
Pedro M.							
Rafael							
Rodrigo							
Sara							
Tiago A.							
Tiago B.							
Tiago X.							
Tomás							
Vasco							
	Legenda:		Sim	Com dificuldade	Não	Não observável	

Nota. Autoria própria.

Tabela M2

Grelha de Registo dos textos descritivos (2.ª versão)

	Utiliza título	Escreve introdução	Desenvolvimento				Faz conclusão
			Enumera entre 8 a 15 os objetos presentes no quarto	Atribui pelo menos uma característica a cada objeto	Utiliza referências espaciais	Utiliza a vírgula na enumeração.	
Adriana							
Alexandra							
António							
Carolina							
Catarina							
Ciara							
Duarte							
Filipe							
Francisco							
Gonçalo							
Henrique							
Lara							
Leonor J.							
Leonor G.							
Matilde							
Pedro L.							
Pedro M.							
Rafael							
Rodrigo							
Sara							
Tiago A.							
Tiago B.							
Tiago X.							
Tomás							
Vasco							
	Legenda:		Sim	Com dificuldade	Não	Não observável	

Nota. Autoria própria.

Anexo N. Avaliação de Português

Tabela N1

Grelha de Registo das Observações de Português (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Compreensão do oral																									
Cumpre ordens																									
Reconta pequenas histórias																									
Responde a perguntas simples sobre um texto ouvido																									
Reproduz através do desenho o essencial de um texto ouvido																									
Expressão oral																									
Articula corretamente os sons da língua																									
Utiliza vocabulário adequado																									
Organiza corretamente as frases																									
Adequa o discurso à finalidade comunicativa (fala a propósito)																									
Pede a palavra																									
Respeita o tempo de fala dos colegas																									
Leitura																									
Articula corretamente os sons da língua																									
Identifica as letras																									
Estabelece as correspondências fonema/grafema																									

Anexo O. Avaliação de Matemática

Tabela O1

Grelha de Registo das Observações de Matemática (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Números e Operações																									
Realiza contagens progressivas até 100	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza contagens regressivas a partir do 100	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde
Decompõe os números	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Ordena os números	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Utiliza os símbolos <, > e =	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Representa números na reta numérica	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza somas utilizando estratégia da árvore	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza somas utilizando estratégia horizontal	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza somas adicionando 1º as dezenas e 2ª as unidades (horizontal)	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Realiza somas adicionando 1º as dezenas e 2ª as unidades (reta)	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Adiciona mentalmente um número de dois algarismos com um número de dois algarismos terminado em zero	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Adiciona mentalmente um número de dois algarismos com um número de dois algarismos terminado em zero	Vermelho	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Geometria e Medida																									
Utiliza medidas não convencionais	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde

Anexo P. Avaliação de Estudo do Meio

Tabela P1

Grelha de Registo das Observações de Estudo do Meio (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
À descoberta das inter-relações entre espaços																									
Reconhece os diferentes espaços da casa																									
Reconhece as funções desses espaços																									
Representa a sua casa																									
Localiza espaços em relação a um ponto de referência																									
À descoberta dos materiais e dos objetos																									
Compara alguns materiais segundo propriedades simples																									
Agrupa materiais segundo essas propriedades																									
Identifica algumas propriedades físicas da água																									
Cultiva plantas na sala de aula																									
Identifica manifestações de vida vegetal																									

Legenda:

Sim		Com dificuldade		Não		Não observável	
-----	--	-----------------	--	-----	--	----------------	--

Nota. Autoria própria.

Anexo Q. Avaliação de Expressão e Educação Plástica

Tabela Q1

Grelha de Registo das Observações de Expressão e Educação Plástica (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Desenho de expressão livre																									
Explora as possibilidades técnicas do lápis de cor																									
Pintura de expressão livre																									
Explora as capacidades técnicas de esponjas																									
Recorte, colagem e dobragem																									
Explora as possibilidades de diferentes materiais																									
Faz composições colando																									
Legenda:	Sim					Com dificuldade							Não												

Nota. Autoria própria.

Anexo R. Avaliação de Expressão e Educação Musical

Tabela R1

Grelha de Registo das Observações de Expressão e Educação Musical (meio da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Jogos de exploração – voz																									
Canta com afinação																									
Segue o ritmo da canção																									
Segue a pulsação da canção																									
Canta com uma intensidade adequada																									
Reproduz pequenas melodias																									
Jogos de exploração - Corpo																									
Acompanha canções com gestos de percussão corporal (ritmo)																									
Acompanha canções com gestos de percussão corporal (pulsação)																									
Legenda:	Sim																								

Nota. Autoria própria.

Tabela R2

Grelha de Registo das Observações de Expressão e Educação Musical (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Jogos de exploração – voz																									
Canta com afinação	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Segue o ritmo da canção	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Segue a pulsação da canção	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Canta com uma intensidade adequada	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Reproduz pequenas melodias	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Jogos de exploração - Corpo																									
Acompanha canções com gestos de percussão corporal (ritmo)	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Acompanha canções com gestos de percussão corporal (pulsação)	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■	■
Legenda:	Sim		■	Com dificuldade				■	Não			■	Não observável						■						

Nota. Autoria própria.

Anexo S. Avaliação de Expressão e Educação Dramática

Tabela S1

Grelha de Registo das Observações de Expressão e Educação Dramática (meio da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Jogos de exploração – corpo																									
Realiza movimentos corporais capazes de caracterizar a sua personagem																									
Jogos de exploração – voz																									
Explora a altura, velocidade e entoação da voz																									
Jogos dramáticos																									
Improvisa atitudes e gestos																									
Mima a sua personagem																									
Legenda:	Sim																								

Nota. Autoria própria.

Tabela S2

Grelha de Registo das Observações de Expressão e Educação Dramática (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco	
Jogos de exploração – corpo																										
Realiza movimentos corporais capazes de caracterizar a sua personagem																										
Jogos de exploração – voz																										
Explora a altura, velocidade e entoação da voz	Amarelo	Vermelho	Verde	Vermelho	Vermelho	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Vermelho	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Amarelo	
Jogos dramáticos																										
Improvisa atitudes e gestos		Amarelo				Verde	Verde			Verde	Verde	Verde			Amarelo	Verde			Verde	Amarelo			Verde			
Mima a sua personagem		Amarelo				Verde	Verde			Verde	Verde	Verde			Amarelo	Verde			Verde	Amarelo			Verde			
Legenda:	Sim		Verde	Com dificuldade				Amarelo	Não			Vermelho	Não observável													

Nota. Autoria própria.

Anexo T. Avaliação de Expressão e Educação Físico-Motora

Tabela T1

Grelha de Registo das Observações de Expressão e Educação Físico-Motora (meio da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Perícia e manipulações																									
Passa a bola com precisão																									
Recebe a bola com as duas mãos																									
Deslocamentos e equilíbrio																									
Corre para a frente																									
Corre para trás																									
Salta ao pé-coxinho																									
Jogos																									
Cumprir as regras do jogo																									
Colabora com os colegas de equipa																									
Legenda:	Sim																								

Nota. Autoria própria.

Tabela T2

Grelha de Registo das Observações de Expressão e Educação Físico-Motora (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Perícia e manipulações																									
Passa a bola com precisão																									
Recebe a bola com as duas mãos																									
Deslocamentos e equilíbrio																									
Corre para a frente																									
Corre para trás																									
Salta ao pé-coxinho																									
Jogos																									
Cumprir as regras do jogo																									
Colabora com os colegas de equipa																									
Legenda:	Sim			Com dificuldade								Não													

Nota. Autoria própria.

Anexo U. Avaliação das Competências Sociais

Tabela U2

Grelha de Registo das Observações das Competências Sociais (fim da intervenção)

Indicadores/Crianças	Adriana	Alexandra	António	Carolina	Catarina	Ciara	Duarte	Filipe	Francisco	Gonçalo	Henrique	Lara	Leonor J	Leonor G	Matilde	Pedro L	Pedro M	Rafael	Rodrigo	Sara	Tiago A	Tiago B	Tiago X	Tomás	Vasco
Contribui para tarefas comuns	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Participa de forma adequada	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Respeita as opiniões dos colegas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Aceita as decisões coletivas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Amarelo	Amarelo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
É pontual	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
É assíduo	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Tem os materiais necessários	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Executa os trabalhos na aula	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Executa de trabalhos de casa	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Está atento nas aulas	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Executa as tarefas no tempo previsto	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Cumprimento do regulamento interno	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde	Verde
Legenda:	Verde: Sim		Amarelo: Com dificuldade	Verde: Não	Verde: Não observável	Verde:																			

Nota. Autoria própria.